

**INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA
MESTRADO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

FERNANDA ALVES NOBRE

**A LITERACIA E O MUNDO DO TRABALHO NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

**VITÓRIA-ES
2021**

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E
TECNOLÓGICA
MESTRADO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

FERNANDA ALVES NOBRE

**A LITERACIA E O MUNDO DO TRABALHO NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica, oferecido pelo campus Vitória do Instituto Federal do Espírito Santo, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre/Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientador: Alex Jordane.

VITÓRIA-ES

2021

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

N754L Nobre, Fernanda Alves.

A literacia e o mundo do trabalho no processo de alfabetização da educação de jovens e adultos / Fernanda Alves Nobre. – 2021.
96 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Alex Jordane de Oliveira.

Dissertação (mestrado) – Instituto Federal do Espírito Santo,
Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica,
Vitória, 2021.

1. Ensino profissional. 2. Ensino técnico. 3. Educação para o trabalho. 4. Alfabetização de adultos – Estudo e ensino. 5. Educação de adultos – Formação. 6. Educação de jovens e adultos – Aspectos sociais.
I. Oliveira, Alex Jordane de. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD 22 – 374.013

Elaborada por Marcileia Seibert de Barcellos – CRB-6/ES - 656

**PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

FERNANDA ALVES NOBRE

**A LITERACIA E O MUNDO DO TRABALHO NO PROCESSO DE
ALFABETIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovada em 26 de fevereiro de 2021

COMISSÃO EXAMINADORA


Doutor Alex Jordane de Oliveira
Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes
Orientador
(Telepresença: Portaria Nº 205 de 19/03/2020 - Campus Vitória)


Doutora Maria Cristina Caminha de Castilhos França
Instituto Federal do Rio Grande do Sul - IFRS
Membro Interno
(Telepresença: Portaria Nº 205 de 19/03/2020 - Campus Vitória)


Doutora Lúcia Góra Scopel
Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes
Membro Externo
(Telepresença: Portaria Nº 205 de 19/03/2020 - Campus Vitória)

INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Autarquia criada pela Lei nº 11.892 de 29 de Dezembro de 2008

PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

FERNANDA ALVES NOBRE

NOBRE, Fernanda Alves; OLIVEIRA, Alex Jordane de. **A literacia como prática libertadora na Educação de Jovens e Adultos.** Vitória: Ifes, 2021. 24 p. (E-book)

Produto Educacional apresentado ao Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado em 26 de fevereiro de 2021

COMISSÃO EXAMINADORA


Doutora Maria Cristina Caminha de Castilhos França
Instituto Federal do Rio Grande do Sul - IFRS
Membro Interno
(Telepresença: Portaria Nº 205 de 19/03/2020 - Campus Vitória)


Doutora Lucia Graça Scopel
Instituto Federal do Espírito Santo - Ifes
Membro Externo
(Telepresença: Portaria Nº 205 de 19/03/2020 - Campus Vitória)

Dedico primeiramente a Deus, que sempre esteve comigo. Ao meu esposo
Raphael e ao meu filho Samuel por sonharem comigo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por me oportunizar viver essa experiência, sem ELE eu não chegaria aqui! És formoso, autor e consumador da minha fé.

Agradeço ao meu esposo Raphael pela paciência e ajuda do inicio ao fim, foi com você me apoiando e incentivando quando precisava que cheguei até aqui. Você sonhou comigo. Agradeço ao meu filho Samuel que precisou ficar longe da mamãe muitas e muitas vezes para que ela além de trabalhar fora eu pudesse estudar. Você é meu orgulho.

Agradeço à minha mãe Vanice que batalhou para que seus filhos trilhassem o caminho do bem, mesmo em tantas lutas para criar seus três filhos sozinha. Você é minha guerreira e meu exemplo.

Agradeço a minha família que sempre torceu por mim, me incentivando e acreditando que eu pudesse mais. Aos amigos que sempre tiveram uma palavra encorajadora para que pudesse prosseguir.

Agradeço ao meu orientador Alex Jordane e aos meus professores pelo apoio e pela paciência em ensinar.

Agradeço a diagramadora e professora MA. Dálete C. S. Heitor de Albuquerque pela inteligência e disponibilidade dispostos a mim e a minha pesquisa.

Agradeço a Escola Estadual Bernardo Horta, aos alunos do primeiro segmento da EJA e ao professor por me acolherem como pesquisadora em um momento tão difícil que foi a pandemia do COVID-19.

“É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...”

Paulo Freire, 1921.

LISTA DE IMAGENS

Imagen 1- Capa do Produto Educacional – E-book	56
Imagen 2- Como o Produto está Organizado.....	56
Imagen 3- Diálogo com o Leitor	57
Imagen 4- Paulo Freire como Influência na EJA	58
Imagen 5- Conceitos Envolvidos no E-book.....	59
Imagen 6- Os Sujeitos da EJA	60
Imagen 7- O Mundo DO Trabalho e a EJA.....	61
Imagen 8- EJA: a Voz da Educação Popular.....	62
Imagen 9- Finalizando o E-book.....	63

RESUMO

Esta pesquisa pretende analisar a partir de círculos de cultura em uma turma de alfabetizandos na Educação de Jovens e Adultos-EJA a compreensão da literacia e o mundo do trabalho numa perspectiva libertadora como premissa na educação. Embasamos em Paulo Freire, especialmente os conceitos da prática dialógica, humanizadora, sujeitos como “não-criança”, trabalhador e transformador. A metodologia utilizada foi a abordagem qualitativa em uma construção teórica-reflexiva com base nas características da pesquisa-ação. O produto educacional desse trabalho é um e-book, resultado da pesquisa de campo e embasamento teórico, enriquecendo as práticas pedagógicas na Educação de Jovens e Adultos. O produto educacional surgiu com a necessidade de contribuir para a compreensão dos alunos em processo de alfabetização da educação de jovens e adultos-EJA numa perspectiva do sujeito como ‘não-criança’, trabalhador e cidadão. Embasando conceitos que a educação profissional e tecnológica abarca, ou seja, a formação omnilateral, educação popular e o mundo do trabalho como um contexto significativo. A dialogicidade precisa ser fundamentalmente construída pelo educador e educando. É através dessa postura consciente que a compreensão de tudo na vida passará a ser de direito do alfabetizando, uma literacia que transborde a relação dialógico-dialética, em que o conflito será base de construção do conhecimento. Durante a pesquisa de campo e as análises dos dados foi nos permitido entender que os alunos em processo de literacia ainda tem como prerrogativa o mundo do trabalho como o emprego que sustenta de forma precária as necessidades humanas e que isso é fruto da pouca escolarização. Enxergam na educação um caminho para o sustento. Reforçamos com esses resultados que a perspectiva do ensino e da aprendizagem da educação propedêutica ou profissional e tecnológica deve partir não do aluno que está na escola para o mundo do trabalho, mas sim do trabalhador inserido no mundo do trabalho que retorna aos bancos escolares para alfabetização, considerando-os como sujeitos históricos e de direitos.

PALAVRAS CHAVE: Educação de Jovens e Adultos. Literacia. Mundo do Trabalho. Educação Profissional e Tecnológica- PROFEPT.

ABSTRACT

This research intends to analyze, from cultural circles in a group of literacy students in Youth and Adult Education-EJA, the understanding of literacy and the world of work in a liberating perspective as a premise in education. We are based on Paulo Freire, especially the concepts of dialogical, humanizing practice, subjects like "non-child", worker and transformer. The methodology used was the qualitative approach in a theoretical-reflective construction based on the characteristics of action research. The educational product of this work is an e-book, the result of field research and theoretical foundation, enriching the pedagogical practices in Youth and Adult Education. The educational product emerged with the need to contribute to the understanding of students in the literacy process of the education of young people and adults-EJA in a perspective of the subject as 'non-child', worker and citizen. Basing concepts that professional and technological education encompasses, that is, omnilateral training, popular education and the world of work as a meaningful context. Dialogicity needs to be fundamentally constructed by the educator and the student. It is through this conscious attitude that understanding everything in life will become the right of literacy students, a literacy that overflows the dialogical-dialectical relationship, in which conflict will be the basis for the construction of knowledge. During the field research and data analysis we were allowed to understand that students in the literacy process still have the world of work as their prerogative as the job that precariously supports human needs and that this is the result of little schooling. They see education as a way to support themselves. With these results, we reinforce that the perspective of teaching and learning of propaedeutic or professional and technological education should not come from the student who is at school to the world of work, but from the worker inserted in the world of work who returns to school banks for literacy , considering them as historical and rights subjects.

KEYWORDS: Youth And Adult Education. Literacy. World Of Work. Professional And Technological Education – PROFEPT.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa de risco Espírito Santo em 19 de abril de 2020 - 1 mês após o fechamento das escolas estaduais	38
Figura 2- Mapa de risco Espírito Santo em 29 de junho de 2020 - 3 meses após o fechamento das escolas estaduais	39
Figura 3- Mapa de risco Espírito Santo em 13 de julho de 2020 - 4 meses após o fechamento das escolas estaduais	39
Figura 4- Mapa de risco Espírito Santo em 10 de agosto de 2020 - 5 meses após o fechamento das escolas estaduais	40
Figura 5- Mapa de risco Espírito Santo em 07 de setembro de 2020 - 6 meses após o fechamento das escolas estaduais	40
Figura 6- Mapa de risco Espírito Santo em 05 de outubro de 2020 - retorno das aulas presenciais	41
Figura 7- Mapa de risco Espírito Santo em 02 de novembro de 2020 - um mês após o retorno das aulas presenciais.....	42
Figura 8- Pesquisadora apresentando o TCLE.....	43
Figura 9- Pesquisadora atuando como transcritora.....	44
Figura 10- Círculo de cultura	46
Figura 11- Trabalhando temas geradores	48
Figura 12- Pesquisadora dialogando com participante durante proposta de atividade	51
Figura 13- Participantes realizando atividade proposta.....	51
Figura 14- Atividade Proposta Pronta	52
Figura 15- Participantess da Pesquisa – Mulheres fortes da EJA	52

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
2.1 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA COM FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL NA EJA.....	18
2.2 PAULO FREIRE COMO PRERROGATIVA NA EDUCAÇÃO POPULAR EM UMA PRÁTICA LIBERTADORA	23
2.2.1 A Literacia na Educação de Jovens e Adultos	28
3 METODOLOGIA	32
3.1 LÓCUS E PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	33
3.1.1 Percursos dos Círculos de Cultura	34
4 ANÁLISE DOS DADOS (RESULTADOS E DISCUSSÕES)	37
4.1 UMA PANDEMIA NO PERCURSO	37
4.2 RELATOS E DISCUSSÕES	42
4.2.1 Análise da Entrevista e Questionário	53
5 PRODUTO EDUCACIONAL	55
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERÊNCIAS	68
Apendice A - Produto educacional	72
Apendice B - Entrevista Semiestruuturada	86
Apendice C - Questionário Semiestruuturado	88
Apendice D - Roteiro para avaliaçao diagnóstica - escrita	89
Apendice E - Roteiro para avaliaçao diagnóstica - leitura	90
Apendice F - Tabulação roteiro de entrevista inicial	91
Apendice G - Tabulação roteiro de questionário	94

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho iniciou-se com a minha vivência enquanto professora da Educação de Jovens e Adultos-EJA em uma sala multisseriada de alfabetizandos, localizada em uma escola Estadual no município da Serra-ES. Eram em sua maioria adultos com idade entre 28 a 62 anos, repletos de histórias de vida.

Observava que para eles a alfabetização era a ponte que lhes faltava para chegar a uma profissão que lhes dessem um retorno pessoal, financeiro e que, por consequência disso, a inserção nos grupos sociais que outrora não era permitido. Aprender a ler e a escrever estava além de codificar e decodificar, era significado de vida, trazia para si uma recompensa de sua própria história.

Sou professora e pedagoga da educação básica, efetiva na educação estadual do Espírito Santo e estou no chão escolar há quase 18 anos. Dentro desse universo chamado escola nos deparamos cotidianamente com muitos desafios, conquistas, perdas, reconstruções e principalmente: pessoas, a pedra angular de todo o processo educativo.

Durante esse percurso, tempos e espaços ocorreu a travessia da educação básica à EJA como uma oportunidade profissional e, portanto, desafiante. Uma turma multisseriada de alfabetizandos adultos e em sua maioria idosos, foi além da minha experiência em alfabetização de crianças. A sala de aula se torna um divã, onde cada um com suas singularidades e experiências de vida conseguiam trazer sentido para o porquê de estar ali. Sujeitos que tem história.

Foi nesse trilhar que pude iniciar minha reconstrução de alfabetizadora de crianças para adultos. Sem dúvidas, é um campo de trabalho que requer reflexão diária de sua prática, afinal, quando somos parte da educação de jovens e adultos com alunos em processo de alfabetização é que percebemos o quanto esse retorno aos bancos escolares para esses sujeitos é inestimável. Esse momento não se trata apenas de concluir os estudos, fazer uma faculdade e se posicionar profissionalmente, se trata de sonhos, de recomeçar, de atender a uma transformação não apenas educativa, mas social. É tempo de recomeço.

No decorrer do Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica- PROFEPT, mudei-me para a cidade de Iúna-ES, o que resultou a busca por uma nova escola e novos participantes da pesquisa, que da mesma forma continham o brilho de estar nos bancos escolares depois de tanto tempo.

A escola escolhida é estadual e fica localizada em Irupi-ES, o segmento é o mesmo, os participantes são outros e novas histórias e, portanto, a pesquisa também apresentou outra leitura e novos desdobramentos que nortearam o problema dessa pesquisa.

A busca do sentido, da significação e do contexto são as atividades que promovem um processo de educação que descortinem o ato de apenas decifrar e transcrever sons e letras. Mas o efeito do desvelamento da consciência ingênua.

Portanto, Pereira (2005) em suas conclusões sobre construção do letramento na educação e jovens e adultos vê nas práticas exitosas àquelas que deixam de ser apenas um fim em si mesma, mas o que possa corroborar para uma visão ampliada do que é ler e escrever.

Reconhecê-los em seus aspectos sociais, culturais, econômicos e caracterizando-os na gênese do processo pode ser o ponto de partida de uma formação humana integral e uma literacia que efetivamente alcance os resultados que o aluno deseja e precisa. Por isso, compreender que a EJA é uma modalidade que ao longo do seu caminho perpetuou, precipuamente, por poucas políticas públicas efetivamente direcionadas a ela, precisa ser base para refletir sobre as práticas direcionadas a esse segmento.

Não pretendemos neste trabalho aprofundar sobre a história da EJA, mas apenas consideramos alguns dados importantes nesse processo que comprovam a desigualdade de investimentos quando o assunto é a EJA, que são firmados em programas ou assistências voluntárias populares. Para Moura (2014) a educação de adultos desde o início da colonização tinha como pressuposto a concepção de um ensino ideológico, ou seja, o ensino era de cunho evangelístico e servia as determinações do colonizador português.

Pereira (2005) afirma que a EJA não é centro de prioridades no investimento de

políticas do governo e que sua identidade só começou a ter forma em 1947 em uma campanha nacional, justamente, de alfabetização em massa, a Campanha de Educação de Adultos que tinha como objetivo alfabetizá-los em três meses, direcionando outro momento para a capacitação profissional.

O que percebemos que não foi suficientemente para elevar a educação de jovens e adultos a um patamar justo para os sujeitos nela inseridos. Para Arroyo (2007. p. 23), “[...] o analfabetismo e os baixos índices de escolarização da população jovem e adulta popular são um gravíssimo indicador de estarmos longe da garantia universal do direito à educação para todos”. Direito esse que ultrapassa a instância de acesso à escolarização, mas que priorize o direito à permanência com sucesso e a uma formação humana integral.

Na constituição de 1988 no artigo 205 quando o Estado passou a ter o dever de oportunizar educação para todos, incluindo dessa forma, sujeitos que não tivessem acesso à escola em idade própria, contribuiu para “uma expansão significativa e uma institucionalização das redes públicas de ensino quanto ao atendimento aos jovens e adultos que se encontravam sem acesso à educação” (BRASIL, 1988).

Entre outros movimentos pela EJA, temos a influência de Paulo Freire nos anos 60 que já consolidava muitas conquistas no nordeste no campo da educação popular. Aqui temos um representante da educação popular e da alfabetização de adultos como luta de uma pedagogia social em que todos pudesse ter seu direito adquirido.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN n.º 9.394/96), a EJA é contemplada como modalidade da Educação Básica. Incluído na Lei n.º 12.796 de 2013 a garantia do direito à educação e à aprendizagem ao longo da vida, como o décimo terceiro princípio das bases da educação e reforça esse princípio em seu Art. 37, quando afirma que “a educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida”. Muitos outros movimentos, leis e diretrizes foram imprescindíveis para a educação de jovens e adultos, que devem ser aprofundados pelo profissional da educação.

Os alunos adultos alfabetizandos da EJA estão em processo de apropriação da leitura e escrita e cada um tem sua própria história e seu próprio caminho. Alguns retornam para a escola tempo depois após o abandono; outros nunca tiveram a oportunidade de frequentar a escola; além dos jovens que evadem do ensino regular com sucessivas reprovações e migram para a EJA em busca da sua formação.

Por isso, podemos destacar entre as marcas desses alunos está o rejuvenescimento, ou seja, tem crescido a quantidade de jovens com histórico de repetência e/ou evasão escolar que migram para o ensino noturno. Conforme divulgação da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD (2018) 11,3 milhões de cidadãos no Brasil são analfabetos. O Censo 2018 confirma isso quando diz que:

[...] a educação de jovens e adultos está recebendo alunos provenientes do ensino regular. De 2015 para 2016 aproximadamente 360 mil alunos do ensino fundamental e 179 mil do ensino médio migraram para a EJA. Esses alunos são, provavelmente, aqueles com histórico de retenção e que buscam meios para conclusão dos ensinos fundamental e médio (INEP, 2018, p. 16).

Ainda segundo o Censo Escolar em 2018, apenas 2.108.155 pessoas estão matriculadas no ensino fundamental na modalidade de jovens e adultos, e ainda apresentou uma significativa queda de 3% no quantitativo de matrículas com referência ao ano anterior, contribuindo para o *status quo* do cenário da educação para jovens e adultos no Brasil.

Em contrapartida, a Educação de Jovens e Adultos tem a capacidade de olhar o mundo com o conhecimento tácito, pois ao adentrar ou retornar aos bancos escolares essa experiência de vida move a aprendizagem almejada.

Trabalhar os saberes contextualizados os reconhecendo como sujeitos históricos, valorizando os seus saberes pertencentes ao mundo do trabalho e como cidadãos deve ser a prerrogativa das práticas na EJA.

Para Freire (2000) a educação popular busca o sujeito cognoscente, ou seja, aquele que tem a capacidade de aprender, na busca em si mesmo pelo ato de conhecer, não deixando a deriva do professor como centro do saber. Uma educação que priorize a prática política, a reflexão militante do ato de ensinar e aprender, mas

principalmente o desvelar da consciência.

Por conseguinte, essa pesquisa pretende assim, analisar a partir de círculos de cultura em uma turma de alfabetizandos na Educação de Jovens e Adultos-EJA a compreensão da literacia e o mundo do trabalho numa perspectiva libertadora como premissa na educação.

Partimos do pressuposto que ao trabalhar com jovens e adultos a concepção de ser letrado vai além da apropriação com codificação e decodificação. Conhecer o alfabeto não é suficientemente para uma educação libertadora, conscientes de seu papel na sociedade. Afinal, leva-se em consideração que “já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2018, p. 96). Ou seja, Freire orienta uma educação preocupada com as práticas sociais de quem aprende não quem está dominado, mas como sujeitos cognoscentes, participantes ativos no processo de aprendizagem. Para isso, conceitos sobre literacia e alfabetização serão discutidos nesse trabalho quando trataremos da literacia e alfabetização na educação de jovens e adultos.

Diante disso, alicerçado por Freire (2018) na incessante busca de uma educação que move o homem no enfrentamento dos seus problemas, tanto no seu tempo quanto no seu espaço, essa pesquisa utilizará os círculos de cultura como estratégia de ampliação da visão do mundo do trabalho utilizando temas problematizadores em uma perspectiva integral e libertadora como base da literacia, considerando o conceito de *literacy* como a condição de ser letrado.

Para tanto, temos como objetivos específicos:

- Planejar os círculos de cultura intencionando as narrativas relacionadas a EJA, a leitura e a escrita e contextos ao mundo do trabalho;
- Oportunizar diálogos compartilhados, produções de leitura e escrita durante os círculos de cultura com temáticas sobre mundo do trabalho;
- Sistematizar o que foi produzido durante os círculos de cultura, para elaboração do e-book, como produto educacional.

Esse estudo pretende contribuir para a Educação Profissional e tecnológica com um e-book resultante das experiências nos círculos de cultura, depoimentos e narrativas, realizados com os participantes. Ao final será gerado um produto educacional (PE) que pretende agregar uma reflexão sobre a literacia e o mundo do trabalho na EJA, podendo ser utilizado em formações de educadores do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - Formação Inicial e Continuada - PROEJA-FIC, oficinas, minicursos, dentre outros espaços que a inquietude sobre a EJA se faça necessária.

Este estudo está organizado na seguinte estrutura de capítulos. O primeiro capítulo explanou sobre a importância dessa temática para a educação profissional e tecnológica na educação de jovens e adultos não alfabetizados, além de apontar o objetivo e a contribuição desse trabalho. Na fundamentação teórica trouxemos estudos, conceitos e autores que embasem nossos estudos, pontuando também a contribuição de Paulo Freire em sua abordagem sociocultural e importância da literacia.

Na metodologia discorremos sobre os caminhos que foram traçados na pesquisa e uma prévia de como foram realizadas os círculos de cultura que constituíram o e-book. No capítulo quatro realizamos a análise dos dados através dos instrumentos de produção de dados. Em relatos e discussões discorremos sobre o percurso da pesquisa e como uma pandemia provocada pelo COVID-19 trouxe dificuldades para a pesquisa.

No capítulo Produto Educacional trouxemos conceitos e realizamos o retrato do produto com as considerações por capítulo. Finalmente, em considerações finais foram explanados os possíveis caminhos que enseja essa pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica iniciará abordando a educação profissional e tecnológica no viés da omnilateralidade, embasando em autores preocupados com a formação da classe trabalhadora e de uma visão sobre o mundo do trabalho. Em seguida buscamos compreender a alfabetização no contexto da educação de jovens e adultos nas contribuições de Paulo Freire, tanto em uma concepção da educação integral, como dialógica e emancipadora, complementando com conceitos sobre a literacia na educação de jovens e adultos.

2.1 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA COMO FORMAÇÃO HUMANA INTEGRAL NA EJA

Nem sempre a intencionalidade da Educação Profissional e Tecnológica-EPT foi de um ensino omnilateral e para todos. Essa teve “a sua origem dentro de uma perspectiva assistencialista”, que tinha o real objetivo atender a uma demanda social que poderia provocar desvios de comportamentos na sociedade.

No início do século XX o foco para a preparação de operários tomou forma e a educação profissional se abriu para políticas em prol da formação de trabalhadores em um sentido amplo (MOURA, 2007). Corrobora com Moura, quando Ramos (2014) ao tratar do processo histórico da EPT afirma que a partir da década de 1930 a educação profissional em uma perspectiva capitalista passou a se preocupar com a formação de trabalhadores com viés econômico e não mais meramente social aos que eram “desvalidos da sorte e da fortuna”.

Dessa forma, educação dual e fragmentada se fortalece. A elite e seus filhos em uma educação intelectual e os trabalhadores e seus filhos em uma formação instrumental. A classe de trabalhadores sofre com as disposições que a formação escolar os oportuniza. Dessa forma, uma formação que tem como objetivo preparar sujeitos para posições a nível instrumental, fragmentado e com atividades simplificadas. Para a elite a formação da classe considerada superior atende a um ensino voltado para o intelectual, formando um cidadão de direitos (KUENZER, 2001).

O fragmento abaixo define essa formação quando afirma:

A escola contemporânea passa a ter como função suas tarefas contraditórias: formar o cidadão, o homem da “polis”, sujeito e objeto de direitos, que deverá buscar a ampliação de seus espaços de participação cultural, política e econômica, enquanto produtor e consumidor; formar o trabalhador, que exercerá suas funções em um processo produtivo cujas tarefas vão sendo crescentemente simplificadas pelo desenvolvimento científico e tecnológico, em postos de trabalho que lhe permitirão reduzida mobilização de suas energias mentais, principalmente às relativas à reflexão e à criatividade (KUENZER, 2001, p. 122).

A autora destaca as instâncias da escola que forma com objetivos distintos, retratando uma realidade historicamente presente na vida dos trabalhadores. A EJA também está inserida nesse contexto, alijada, muitas vezes, de uma formação inteira, mas inseridos em uma formação segmentada para os filhos e/ou trabalhadores da classe trabalhadora. Adentram ao mundo do trabalho com a compreensão restrita de seu valor para a sociedade como um sujeito histórico, levando-os a crer que não devem mobilizar suas energias mentais e intelectuais no exercício de sua função.

Nota-se a premência em adotar uma formação na EJA que leve o sujeito a compreender o mundo do trabalho em consonância com o agir transformador, uma educação omnilateral, ou seja, uma formação humana integral. Direcionando uma educação profissional que contemple aos sujeitos populares muito mais que conteúdos em uma divisão de classes, mas que contrariando a essa educação precária, o aluno da EJA tivesse acesso à percepção que mundo do trabalho não se limita ao emprego, mas uma concepção ampliada da transformação da natureza para as necessidades do homem, como o trabalho em sua compreensão social.

A perspectiva formativa do ser humano emancipado e autônomo é essa que não nega a dimensão técnica, mas que não se reduz a ela. É a partir desse contexto e a partir dessa visão, dessa possibilidade de luta por avançar na direção desse projeto formativo autônomo, que orientamos nossas reflexões (MOURA, 2014, p. 32).

Portanto, conforme o autor supracitado, a formação humana na perspectiva da EPT precisa ir além do cognitivo e do técnico. Uma convergência baseada numa formação inteira que entenda o sujeito como emancipado, dono do seu próprio caminho, mediando conquistas que vão além de um diploma, é preciso metamorfose.

Assim, Moura (2007) reflete sobre o trabalho como princípio educativo:

Assim, é fundamental atentar para o fato de que o trabalho como princípio educativo não se restringe ao “aprender trabalhando” ou ao “trabalhar aprendendo”. Está relacionado, principalmente, com a intencionalidade de que através da ação educativa os indivíduos/coletivos compreendam, enquanto vivenciam e constroem a própria formação, o fato de que é socialmente justo que todos trabalhem, porque é um direito subjetivo de todos os cidadãos, mas também é uma obrigação coletiva porque a partir da produção de todos se produz e se transforma a existência humana e, nesse sentido, não é justo que muitos trabalhem para que poucos enriqueçam cada vez mais, enquanto outros se tornam cada vez mais pobres e se marginalizam – no sentido de viver à margem da sociedade (MOURA, 2007, p.22).

Segundo Moura et.al (2015) a omnilateralidade é uma formação preocupada com a educação intelectual, física e tecnológica, ou seja, uma formação integral do ser humano. Ao direcionar seus anseios para a classe dos trabalhadores a EPT busca no e pelo trabalho um mecanismo de ruptura da dualidade estrutural, da educação precária, fragmentada e excludente.

Por conseguinte, a importância da educação profissional e tecnológica com viés omnilateral, por se preocupar com a formação de um homem em sua totalidade, uma formação humana integral, tendo o trabalho como o fundamento da existência humana. É imprescindível entender que “o homem produz sua existência por meio do trabalho e, por meio deste, entra em contato com a natureza e com outros homens” (RAMOS, 2006, p. 26). A autora reforça que “o trabalho é a mediação ontológica e histórica na produção de conhecimento” (RAMOS, 2014, p.86).

Sobre isso, Ramos (2014) ressalta:

Partimos do conceito de trabalho pelo fato de o compreendermos como uma mediação de primeira ordem no processo de produção da existência e objetivação da vida humana. A dimensão ontológica do trabalho é, assim, o ponto de partida para a produção de conhecimentos e de cultura pelos grupos sociais (RAMOS, 2014, p.88).

Dessa forma, cabe ampliar as discussões dentro do ambiente escolar sobre a produção do saber, sobre o conceito de trabalho, o mundo do trabalho, assim como a função da escola e do sujeito histórico e transformador. Ao desvelar sobre o emprego, a profissão e ao trabalho, desmitificando esse como exercício de uma profissão.

O trabalho, no sentido ontológico, como processo inerente da formação e da realização humana, não é somente a prática econômica de se ganhar a vida vendendo a força de trabalho; antes de o trabalho ser isto – forma específica que se configura na sociedade capitalista – o trabalho é a ação humana de interação com a realidade para a satisfação de necessidades e produção de liberdade (RAMOS, 2007, p. 03-04).

Consideramos que é imprescindível a discussão sobre emprego, trabalho e profissão. Cada um na sua esfera conceitual e determinante na sociedade atual. Desvelando a conjuntura hegemônica capitalista sobre o trabalho pela venda e compra da produção do sujeito, configurado como emprego.

Nas sociedades capitalistas a forma hegemônica do trabalho se dá pela venda e compra da força de trabalho, regulada contratualmente na forma de emprego. Esse sentido estrutura as práticas de profissionalização, de formação profissional como preparação para o exercício do trabalho (RAMOS, 2007, p. 04).

A formação, como sugere Ramos (2014), tem o homem histórico e social, capaz de superar mecanismos da divisão social do trabalho, priorizando uma formação humana e contrariando a “[...] divisão social do trabalho entre a ação de executar e a ação de pensar, dirigir ou planejar” (RAMOS, 2014, p. 84). A formação e o trabalho não podem servir a um propósito da empregabilidade, para que a exclusão seja fomentada por essa idealização.

Diante disso, como é possível pensar na EPT para alunos trabalhadores e alfabetizandos da EJA? Para atingir a esse nível de educação é indeclinável contemplar o trabalho como tema central nas interações da educação de jovens e adultos, refletindo sobre o mundo do trabalho, permitindo uma reflexão sobre a produção da existência humana e sua função no processo histórico em que resulta. Não se podem excluir esses saberes mediados pelo trabalho numa conjuntura refletiva desses alunos. Entendendo que “o processo educativo deveria sempre partir da realidade dos educandos, identificando sua origem, seus problemas e a possibilidade de superá-los, e interferindo, desse modo, na estrutura social que produzia o analfabetismo” (PEREIRA, 2005, p. 15).

Como o adulto é ser humano no qual melhor se verifica sua condição de trabalhador, pois criança não é para trabalhar, e as pessoas na terceira idade também não, na fase adulta somos essencialmente sujeitos de trabalho. E o trabalho está relacionado, na nossa sociedade, com o exercício de uma profissão. Isso potencializa essa relação com EJA e a EP.

A questão é como essa profissionalização vai ser vista. Se vai ser vista para os limites estreitos para atender às exigências do mercado ou se na perspectiva da formação humana integrada (MOURA, 2014, p. 40).

Como os alunos da EJA percebam o mundo do trabalho requer uma análise de seu pertencimento na comunidade profissional, entendendo o que é o trabalho, emprego, profissão, além da análise de quem os são dentro desse universo. Precipuamente, compreender que na percepção que o mundo do trabalho não se limita ao emprego, mas uma concepção ampliada da transformação da natureza para as necessidades do homem, Saviani (2007) aponta que quando o homem age transformando a natureza para satisfazer suas necessidades humanas está definindo o que é trabalho.

Assim, afirma Moura (2007) a respeito do mundo do trabalho na escola:

Nesse sentido, comprehende-se que uma prática pedagógica significativa decorre da necessidade de uma reflexão sobre o mundo do trabalho, da cultura desse trabalho, das correlações de força existentes, dos saberes construídos a partir do trabalho e das relações sociais que se estabelecem na produção (MOURA, 2007, p. 22).

Ao discutir sobre isso a escola clarificará a indissociabilidade entre trabalho e sujeito e sua construção como homem histórico e transformador. Para Kuenzer (2001) “o trabalho é a categoria que se constitui no fundamento do processo de elaboração do conhecimento”, o qual se entende nas variadas formas de atividade humana “através das quais o homem aprende, comprehende e transforma as circunstâncias ao mesmo tempo em que é transformado por elas” (KUENZER, 2001, p. 26).

E isso só pode ser possível quando a intencionalidade do ensinar esteja intrinsecamente com a intenção de transformar. Ramos (2014) afirma que:

[...] orientar um projeto de educação profissional comprometido com a formação humana, concluindo que a educação profissional não é meramente ensinar a fazer e preparar para o mercado de trabalho, mas é proporcionar a compreensão das dinâmicas socioprodutivas das sociedades modernas, com as suas conquistas e os seus revezes, e também habilitar as pessoas para o exercício autônomo e crítico de profissões, sem nunca se esgotar a elas (RAMOS, 2014, p.85).

Nessa perspectiva de formação humana integral, Ramos (2006) reafirma para a importância que gira em seu conceito e sua compreensão parte de pressupostos

filosóficos, sendo “o primeiro deles a compreensão dos seres humanos como históricos e sociais. O segundo enfatiza que a realidade concreta é uma totalidade, síntese de múltiplas relações” (RAMOS, 2014, p.84).

Outro elemento é que a educação profissional está vinculada ao mundo do trabalho. Ao adulto cabe a produção social, a direção da sociedade e a reprodução da espécie. E nesse sentido há certo preconceito de que, quando o sujeito chega na fase adulta e tem um nível de escolarização baixa, se confunde essa escolarização baixa com um sujeito frágil dentro da sociedade. Mas a produção material da sociedade em que nós vivemos é feita por esses sujeitos (MOURA, 2014, p. 40).

Portanto, a educação transformadora terá como base a premissa de oportunizar espaços de debates, reflexões, dentro e fora dos ambientes educativos na EJA, tendo como base o trabalho. Para Moura (2014) “a Educação Profissional, por sua vez, pode contribuir para dar sentido à EJA, ao fazer essa discussão sobre a categoria trabalho, sobre o mundo do trabalho, sobre a produção material da vida” (MOURA, 2014, p. 41).

2.2 PAULO FREIRE COMO PRERROGATIVA NA EDUCAÇÃO POPULAR NUMA PRÁTICA LIBERTADORA

Realizar uma pesquisa no âmbito educacional requer amplitude na visão de mundo em que o pesquisador está inserido. É imprescindível que a sua proposta atinja primeiramente a si mesmo, a priori, com inquietações, para depois mediar os sujeitos que estarão envolvidos nesse projeto.

Assim, Paulo Freire, que tem sua história marcada por uma infância pobre em Recife é a concepção dessa transformação que começa em si mesmo, referenciado em seu próprio eu de menino que aprendera a ler e a escrever em seu quintal com sua mãe.

Aquele quintal foi a minha imediata objetividade. Foi o meu primeiro não-eu geográfico, pois os meus não-eus pessoais foram meus pais, minha irmã, meus irmãos, minha avó, minhas tias e Dadá, uma bem-amada mãe negra que, menina ainda, se juntara à família nos fins do século passado. Foi com esses diferentes não-eus que eu me constituí como eu. Eu fazedor de coisas, eu pensante, eu falante (BRANDÃO, 2005, p. 26).

Filho de um pai oficial e uma mãe bordadeira presenciou as dificuldades de uma

família de poucas posses (BRANDÃO, 2005). A sua vivência profissional com os trabalhadores também o engajou com as lutas pelas classes dos trabalhadores. Dessa forma, não trazer Freire com sua educação popular para uma conversa com a EJA seria um equívoco, pois foi incansavelmente um educador preocupado nesse campo, principalmente em áreas proletárias e subproletárias, tanto urbanas quanto rurais.

Uma pedagogia comprometida com o povo, não *para* eles, mas *com* eles tem como prerrogativa uma concepção humanista e inteira, de forma que os proletariados urbanos, rurais, imigrantes, indígenas, mulheres, negros, analfabetos, ou seja, minoria, que pudesse servir-se de uma educação para a liberdade, afinal, “com Freire, entendemos a educação popular como um esforço de mobilização, organização e capacitação científica, técnica e política das classes sociais, que visa a transformação e a inserção social” (NETO, OLIVEIRA, 2018, p. 27).

Entendendo,

Porém, para que a educação popular possa se recolocar no atual contexto social e se constituir como projeto alternativo, faz-se necessário rever seus princípios histórico antropológico, sócio-filosófico e pedagógico, a partir de práticas educativas populares concretas que possibilitem avaliar criticamente as correntes ideológicas impostas ao longo do nosso processo histórico, para que, a partir daí, possamos construir outras matrizes de pensamentos capazes de desvelar o silêncio causado pelas correntes hegemônicas do pensamento e fazer ressurgir uma nova história (PEREIRA e FELDMANN, 2015, p. 12).

Saviani (2013) traduz Paulo Freire como um inestimável precursor da pedagogia popular, “de uma educação para o povo com o povo”, seus métodos e suas contribuições são um marco na história da educação no Brasil, não apenas por ser um influenciador na alfabetização de adultos, mas também pela sua visão política e pedagógica, sua história de transformações no meio educacional. História essa marcada de lutas pelas classes dos trabalhadores, dos oprimidos, dos marginalizados, dos ingênuos.

Podemos imaginar uma “aula” em que, em lugar da oposição tão comum entre um professor que sabe (ou pensa que sabe) e uma “turma de alunos” que não sabe (ou pensa que não sabe), o que existe é um encontro de participantes da pequena “comunidade aprendente” (BRANDÃO, 2005, p. 57).

Reconhecer a educação popular Freireana é compreender como essa expressão está tomada de significado social. Datada do século XIX e XX na Europa, a pedagogia social foi aporte para resolver situações sociais relacionadas aos imigrantes e posteriormente aos menos favorecidos deixados pelas guerras. No Brasil, a pedagogia social teve sua própria conjuntura na concepção da educação popular de Paulo Freire, assim, “a educação popular na América Latina não apenas engendra outra pedagogia, com fontes teóricas distintas, como também se articula a partir de interesses e lutas sociais, específicos de nosso contexto” (NETO, OLIVEIRA, 2018, p. 26).

Assim, podemos observar que o analfabetismo, que é uma preocupação mundial, não pode ser visto como passível de solução simplesmente através do desenvolvimento do poder econômico e político. É necessário saber quem detém esse poder, e a favor “de quem” e “do que” ele está sendo utilizado (OLIVEIRA, 1988, p.15).

Nesse sentido, ao direcionar o olhar para os alunos alfabetizandos da EJA, a educação popular Freireana precisa ser tomada como base da educação libertadora, uma classe social que trabalha e estuda, recomeçando nos bancos escolares como uma luta diária. São eles os sujeitos excluídos que Freire lutou para que a alienação desse lugar a uma libertação autêntica, capaz de transformar a sua própria realidade.

Portanto, ao trazermos a literacia e a influência de Paulo Freire na educação popular na EJA, almejamos que a transformação aconteça dentro dos ambientes escolares. Para Freire, “não é possível educadoras e educadores pensar somente nos procedimentos didáticos e os conteúdos a serem ensinados aos grupos populares. Os próprios conteúdos a serem ensinados não podem ser totalmente estranhos aquela cotidianidade” (FREIRE, 2000, p. 15). Cabe aos educadores dessa modalidade realizar uma leitura aprofundada do que é a alfabetização para jovens e adultos, construindo um processo educativo de literacia que se preocupa com a formação humana integral nessa perspectiva de educação popular Freireana.

Uma educação que Paulo Freire não apenas defendia, mas agia e contribuía de forma permanente na vida de todos que com ele pudessem conviver e aos que o conheciam através de suas obras, principalmente de suas realizações para um povo oprimido. Nesse sentido, apreendendo que essas pedagogias de Freire vão além de

conteúdos, mas se tratando de transformação e libertação.

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (FREIRE, p. 57, 2018).

E para isso, Freire vê a consciência fundamental para a transformação, sem compreendê-la é impossível a libertação. Essa liberdade e humanização só serão possíveis de uma evolução para a consciência crítica se for desveladas. O autor nos descreve a consciência ingênua e consciência crítica como explicações pertinentes aos tipos de sujeitos de uma sociedade em um tempo e espaço históricos (FREIRE, 2013).

Assim, nessa concepção libertadora, Paulo Freire tem muito a nos ensinar como referência na alfabetização de adultos, na proposição emancipadora dos sujeitos mediados na compreensão da realidade sempre com viés histórico e em movimento, para que assim, os alunos/trabalhadores se posicionem como produtores de sua existência, agentes da mudança e principalmente se valorizem como homens de direitos em um contexto cultural do povo com o povo, conscientizados criticamente na luta por sua emancipação (FREIRE, 1990; 2013; 2018).

Sabemos que a insistência de Freire (1982:11) no fato de que "a leitura do mundo precede a leitura da palavra" representa um marco, na busca de revisão da prática de ensino da leitura descontextualizada – que, porque não dizer, é ainda vigente na nossa prática educativa (OLIVEIRA, 1988, p.15).

Inevitavelmente, a consciência ingênua carrega em seu conceito muito mais que sua etimologia, do latim *ingennus*, de um homem livre, pelo contrário, são sujeitos carregados de mágica, em que as verdades são prontas e acabadas e, portanto, não necessitam de investigação, "julga estar falando em nome da verdade, sem compreender que erigiu em ideologia sua própria condição privilegiada" (MIZUKAMI, 1986, p. 92). Em contrapartida, a consciência crítica traz em sua marca a investigação, o não absolutismo, busca compreender a historicidade, ou como o próprio Freire (2013) define uma educação dialogal e ativa, que se preocupa com o social, com a política, com os preconceitos, com a responsabilidade democrática em

seu modo de agir, retratando a objetividade em que a convivência com os homens é preceito real.

Faz-se necessário por em debate e resgatar em meio ao fatalismo predominante uma reflexão-ação-reação que imprima a luta de transformação, livrando-se das amarras da dualidade imposta. Por isso, “o educador Freireano dirige os trabalhos do educando para, com ele, ultrapassar sua ingenuidade inicial. É um educador diretivo libertador, não manipulador, opressor, domesticado” (MOREIRA, 2017, p. 153).

Ao indagar em como ajudar a massa nessa transposição ingênuia para a crítica, Paulo Freire destacou algumas possíveis respostas.

- num método ativo, dialogal, crítico e criticizador;
- na modificação do conteúdo programático da educação;
- no uso de técnicas como a da redução e da codificação (FREIRE, 2018, p. 141).

Diante disso, compreender a educação como ato político e, portanto não neutro, é posição fundamental para mediar na EJA aprendizagens que vão além de saberes mecânicos, mas que, mormente, tenhamos consciência de que não apenas estamos no mundo, mas com ele. Entender que nossas ações, nossas lutas, nossos desafios contribuem para a transformação da nossa realidade em que “nossa papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e nossa” (FREIRE, 2018, p.120). Devem ser pautas constantes no ambiente escolar em qualquer etapa da educação, incluindo, certamente, a modalidade da educação de jovens e adultos e os que ainda estão no processo de alfabetização.

Mizukami (1986) afirma que:

O homem chegará a ser sujeito através da reflexão sobre seu ambiente concreto: quando mais ele reflete sobre sua realidade, sobre sua própria situação concreta, mais ele se torna progressiva e gradualmente consciente, comprometido a intervir na realidade para mudá-la (MIZUKAMI, 1986, p. 86).

Nesse entendimento, para que a educação seja libertadora é imperativo que ela favoreça a transitividade da consciência ingênua para a consciência crítica, “uma educação que lhe pusesse à disposição, meios com os quais fosse capaz de superar a captação mágica ou ingênua de sua realidade, por uma predominantemente crítica” (FREIRE, 2013, p. 139). Trazer o sujeito à consciência humanizadora e libertadora, do oprimido ao homem em constante libertação é oportunizar uma aprendizagem integral, omnilateral, é plenamente reconhecer a educação popular.

2.2.1 A literacia na Educação de Jovens e Adultos

Uma parcela desses alunos que retornam para a EJA é considerada analfabeta. No Censo de 2018 o índice de analfabetismo de jovens acima de 15 anos era de 6,8% e de pessoas acima de 60 anos em 18,6%. O Brasil pouco evoluiu em reduzir esse cenário, agravando o estado de não alfabetizado, afinal, suas consequências chegam a impactar seu modo de vida, suas práticas sociais e principalmente sua visão de mundo.

Os alunos trabalhadores que retornam à escola vivem suas angústias relacionadas principalmente ao tempo que conceituam como sendo perdido. São sujeitos que muitas vezes não se compreendem como um sujeito social e histórico, mas sim como integrantes de uma sociedade plutocrática.

Segundo Soares (2005) o analfabetismo é considerado um estado, é a forma como se comportam em sua condição de ser analfabeto. Já Gadotti (2000) aprofunda o conceito quando o concebe muito mais do que pedagógico, mas social, quando entende que “o analfabetismo é a expressão da pobreza, consequência inevitável de uma estrutura social injusta” (GODOTTI, 2000, p. 30). Por não ser somente pedagógica é inevitavelmente política.

Sobre o analfabetismo, Soares (2001) ressalta que:

Conhecemos bem, e há muito, o “estado ou condição de analfabeto”, que não é apenas o estado ou condição de quem não dispõe da “tecnologia” do ler e do escrever: o analfabeto é aquele que não pode exercer em toda a sua plenitude os seus direitos de cidadão, é aquele que a sociedade marginaliza, é aquele que não tem acesso aos bens culturais de sociedade letradas e, mais que isso, grafocêntricas; porque conhecemos bem, e há

muito, esse “estado de analfabeto”, sempre nos foi necessária uma palavra para designá-lo, a conhecida e corrente analfabetismo (SOARES, 2005, p. 19-20).

Dessa forma, é imprescindível apropriar-se do conceito de *literacy*, que é a condição de ser letrado. Uma tradução dessa palavra em inglês que tem sua origem do latim *littera*—letra— acompanhada do sufixo “cy” que é denominado como qualidade, condição, estado. Pessoa letrada é conceituada como um sujeito erudito entendido em letras (SOARES, 2005).

Corroborando, Trindade (2002) considera que literacia um patamar elevado do que apenas ler e escrever, mas que incorpore competências da oralidade. Pois, não objetiva apenas que o sujeito letrado tenha a competência de escrever e ler nas práticas sociais, “mas também que fale de forma fluente, ou seja/esteja capacitada para expressar oralmente o que quer, pensa ou sente, sem titubeios ou hesitações” (TRINDADE, 2002, p. 15).

Para Ribeiro (2001) “o conceito de alfabetismo integra tanto a dimensão psicológica, relativa aos domínios de certas habilidades cognitivas, quanto a dimensão sociológica, relativas às práticas sociais de uso da escrita e às ideologias de que se investem” (RIBEIRO, 2001, p.46). Assim, a “alfabetização, portanto, é toda a pedagogia: aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra. E a palavra humana imita a palavra divina: é criadora” (FIORI, 2018 Apud FREIRE, 2018, p. 28).

Freire (2018) destaca que:

A palavra é entendida, aqui, como palavra e ação; não é o termo que assinala arbitrariamente um pensamento que, por sua vez, discorre separado da existência. É significação produzida pela práxis, palavra cuja discursividade flui da historicidade – palavra viva e dinâmica, não categoria inerte, exânone. Palavra que diz e transforma o mundo. (FREIRE, 2018, p. 28).

Quando tratamos de letramento, os autores são unânimes em afirmar que a alfabetização e o letramento não são sinônimos e, portanto, carregam em si mesmo um conceito diferente. Soares (2005) define o letramento como “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler a escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado

da escrita" (SOARES, 2005, p.18).

Consideramos, segundo Pereira (2005), que o domínio e a efetivação da escrita está incorporada em cinco dimensões, sendo elas: cognitiva, linguística, sociocultural, política e econômica, que afetam a sociedade individualmente e coletivamente. As dimensões estão interligadas da seguinte forma: (PEREIRA, 2005, p. 23).

- Na dimensão cognitiva está ligada aos processos como pensamento abstrato, racionalidade, pensamento crítico, os silogismos, entre outros.
- Na dimensão linguística, ela tem uma perspectiva social, está ligada a legitimidade da língua oficial, aos padrões e convenções da escrita.
- Na dimensão política está claramente ligada a invenção da democracia e pela criação das instituições democráticas, ainda na Grécia.

Ainda segundo o autor no livro “A construção do letramento na educação de jovens e adultos” apresentou uma posição de letramentos, abarcando condições sociais, políticas, culturais, econômicas e pessoais, entendendo o letramento como “o resultado não da escrita em si mesma, mas dos processos sociais e historicamente situados de aquisição e de uso da língua escrita” (PEREIRA, 2005, p. 24).

Portanto, consideremos que são termos indissociáveis e, portanto, não excludentes, mas juntos podem favorecer um processo de formação humana integral. E reforça “o desafio colocado para a alfabetização seria proporcionar uma inserção plena dos sujeitos no mundo da escrita; daí a necessidade de práticas de alfabetização enfatizar seus usos e não apenas a decodificação” (PEREIRA, 2005, p. 22).

Assim, letramento leva a um nível de condição de não apenas saber ler e escrever, mas viver essa condição em suas práticas, como participantes de mundo, modificadores da sua realidade. Por isso, acreditamos que o “Letramento/literacia como construção social relaciona-se com as circunstâncias históricas, sociais, econômicas e políticas do país” (KISHIMOTO, 2010, p. 20).

Dessa forma,

Refletir sobre como esses jovens e adultos pensam e aprendem envolve, portanto, transitar pelo menos por três campos que contribuem para a definição de seu lugar social: a condição de “não-criança”, a condição de excluídos da escola e a condição de membros de determinados grupos culturais (OLIVEIRA, 2001, p.16).

Logo, ser alfabetizado ultrapassa a codificação das letras, mas integra o ser letrado, que utiliza a leitura e escrita em suas práticas sociais, é palavra viva, significativa para quem o lê e escreve, é transformadora, pois não se acomoda. De uma educação inteira se compreendendo como sujeitos históricos que contribuem na construção e transformação do mundo (FREIRE, 2018; SAVIANI 2013).

Nessa construção e transformação não cabe os velhos modelos de alfabetização, “os velhos modelos de alfabetização, baseados em cartilhas e em trazer para o mundo do adulto, formas de trabalho didático com crianças, em nada correspondiam às ideias de uma educação libertadora” (BRANDÃO, 2005, p. 53). É preciso refletir, mudar, reconstruir, desmitificar.

Nesse contexto, a compreensão da literacia/letramento na educação de jovens e adultos evoca muito mais os contextos sociais, as reflexões e discussões significativas da vida jovem e adulta. É preciso preconizar todos os esforços para que a educação dessa modalidade esteja intrinsecamente com o mundo do trabalho numa perspectiva não neutra, mas sim, pedagógica, social e política.

3 METODOLOGIA

A pesquisa teve como base a abordagem qualitativa e de intervenção em uma construção teórica-reflexiva com base nas características da pesquisa-ação, a qual é considerada um dos tipos da investigação-ação. Tripp (2005) conceitua a investigação-ação como “um termo genérico para qualquer processo que siga um ciclo no qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela” (p. 445-446). Moreira e Caleffe (2008) entende a pesquisa-ação como “uma intervenção em pequena escala no mundo real e um exame muito de perto dos efeitos dessa intervenção” (MOREIRA & CALEFFE, 2008, p. 89-90).

Moreira e Caleffe (2008) expõem ainda que a pesquisa qualitativa examina as características tanto dos indivíduos como dos cenários em uma perspectiva contextual, em que dados produzidos não possuem a facilidade de mensurar numericamente. O que o diferencia da pesquisa quantitativa.

Assim, ao utilizar características da pesquisa-ação, definida por Tripp (2005) pretende-se investigar para melhor promover reflexões que auxiliem os indivíduos envolvidos nesse processo de alfabetização e educação profissional.

Pretende-se apropriar de contribuições empíricas dos participantes com a produção de dados¹. De acordo com Mazotti e Gewandsznajder (2004) “as pesquisas qualitativas são caracteristicamente multimetodológicas, isto é, usam uma grande variedade de procedimentos e instrumentos de coleta¹ de dados (p. 163)”. Por conseguinte, utilizaremos questionários, entrevistas semiestruturadas, análise de documentos e observação, registrados em gravações de vídeos e áudios, para compreender a vivência de mundo desses sujeitos em um processo convergente do mundo do trabalho e literacia.

Os questionários além de serem considerados importantes na produção de dados também têm sido utilizados nos últimos tempos como um aliado na investigação.

¹Apesar dos autores utilizarem o termo coleta, optamos, nesta pesquisa, pelo termo produção. Acreditamos assim que um dado qualitativo não é coletado pelo pesquisador, mas sim produzido nas relações entre pesquisador e participante da pesquisa.

Dessa forma, essa pesquisa se preocupou com algumas orientações, segundo Moreira e Caleffe (2008), ao ficar atento à brevidade na explicação do propósito do questionário, a importância que os participantes respondam ao questionário, o sigilo como o cuidado para com os dados e os participantes, além da preocupação com a linguagem. Os questionários foram registrados pelos próprios participantes, ou pela pesquisadora como transcritor do participante em processo inicial de alfabetização, em formulários entregues a eles e armazenados por fotocópia digital.

De acordo ainda com os autores Mazotti e Gewandsznajder (2004) uma das formas de entrevistas na abordagem qualitativa é a semiestruturada, ou seja, não seguem uma rigidez, portanto, é flexível para mudanças no decorrer do processo. “Tipicamente, o investigador está interessado em compreender o significado atribuído pelos sujeitos a eventos, situações, processos ou personagens que fazem parte de sua vida cotidiana (p. 168)”. As entrevistas semiestruturadas foram registradas e armazenadas por meio de gravação de áudio e vídeo.

Devido a estarmos envolvidos diretamente com os círculos de cultura, optamos por fazer observação participante. Os dados produzidos no processo de observação participante foram armazenados por meio de registros no diário de campo e por vídeo gravações.

Mazotti e Gewandsznajder (2004) afirmam,

Na observação participante, o pesquisador se torna parte da situação observada, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação. A importância atribuída à observação participante está relacionada à valorização do instrumental humano, característica da tradição etnográfica (MAZOTTI e GEWANDSZNAJDER, 2004, p. 166-167).

Finalmente, utilizamos como fonte de dados as narrativas e os depoimentos, gravados em vídeo, as tarefas realizadas pelos alunos ao longo dos encontros. Estes documentos produzidos ao longo dos círculos foram registrados pelos próprios participantes em formulários entregues a eles e armazenados por fotocópia digital.

3.1 LÓCUS E PARTICIPANTES DA PESQUISA

O *lócus* deste trabalho foi em uma escola pública estadual localizada no município

de Irupi-ES, na Região Sul do Espírito Santo, mais especificamente na Microrregião do Caparaó. O município possui, segundo o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE em 2010, 11.723 habitantes. Em 2019 foi realizada a estimativa populacional das cidades, colocando Irupi com população estimada de 13.377 habitantes.

A turma pesquisada é composta por 15 alunos, sendo 09 mulheres e 06 homens. O programa da proposta de trabalho foi apresentado para a direção, professor e o pedagogo da modalidade EJA.

O público-alvo são alunos trabalhadores e em processo de alfabetização. Devido ao COVID-19, o universo de alunos participantes da pesquisa reduziu em média 05 alunos da turma multisseriada desta escola, no turno noturno. São todas mulheres adultas entre 36 anos a 58 anos, matriculadas no 1º segmento do ensino fundamental I - 1^a a 4^a séries.

As participantes da pesquisa foram Iraci Toledo de Souza, Fabiana de Oliveira Silva, Lúcia Helena Pereira, Maria Conssolita Inácio e Celina Ferreira Souza. São trabalhadoras da zona rural como lavradoras. Retornaram para a escola na busca pela alfabetização.

3.1.1 Percursos dos Círculos de Cultura

Foi realizado um convite para que participassem dos círculos de cultura e consequentemente a elaboração de um videodocumentário, *a priori*, mas no decorrer dos encontros percebemos que o áudio e o vídeo não atenderiam ao produto educacional, já que estávamos em um ambiente com distanciamento social, usávamos máscaras e mantendo o distanciamento físico recomendado. Portanto, ao dialogar com o orientador e com o Comitê de ética para seres humanos-CEP, decidimos por fim, mudar o produto dessa dissertação para um e-book.

Nesse momento inicial de diálogo para apresentação da proposta realizamos uma roda de conversa com os alunos esclarecendo sobre a pesquisa. Foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE para os participantes da pesquisa. Nesse momento, acompanhada do professor da turma realizamos a leitura de todo o TCLE explicando cada parágrafo, assim como os procedimentos do

produto, da autorização de voz e imagem e da liberdade em se retirar da pesquisa a qualquer momento. As alunas concordaram em participar e assinaram em duas vias, uma para a pesquisadora e outra para a participante.

Foi tratado também sobre o cronograma, o que se pretendia na pesquisa, qual seu objetivo e o produto gerado a partir dela, explicando detalhadamente que ao final dos círculos de cultura seria produzido um videodocumentário com as contribuições de cada um e, portanto, é imprescindível o conhecimento sobre isso para prosseguirmos. Novamente ressalto que posteriormente as participantes foram comunicadas da mudança do produto educacional e o motivo.

Realizamos uma pesquisa de leitura e escrita para verificar o nível do processo de alfabetização das participantes, objetivando traçar o ponto de partida dos círculos de cultura. Das cinco participantes apenas uma aluna apresentou apropriação da leitura e da escrita, conseguia escrever e ler, com alguns desvios ortográficos. Para as outras alunas foi necessário que a pesquisadora atuasse tanto como ledora quanto como transcritora.

As necessidades e contribuições dos pesquisados foram norteadoras para oportunizar uma melhor aproximação da realidade ao público-alvo, sempre pautadas em um ensino integral ao cotidiano do aluno/trabalhador com temas geradores e contextualizados com a vida social. Tais círculos de cultura, atividades, narrativas e depoimentos foram os elementos que se constituíram como produto educacional desta pesquisa.

Cada Círculo de cultura teve uma temática que conversavam entre si, foram 5 (cinco) encontros com duração de uma hora cada, chegando em alguns momentos a 1 hora e 30 minutos. Disponibilizamos uma introdução oral ao tema seguinte para que pudessem refletir para nosso próximo momento juntos.

As estratégias de ensino assim como os caminhos metodológicos dos círculos de cultura foram norteadas pela abordagem sociocultural que tem Paulo Freire como defensor brasileiro. Para Mizukami (1986) todos os sujeitos estão inseridos em um contexto histórico, afinal, vivemos socialmente, culturalmente e politicamente e, portanto, homens reais sempre em um processo tempo e espaço. Durante todo o processo foram realizadas observações, anotações, avaliação e reavaliação para

que pudéssemos redirecionar possíveis mudanças de acordo com a realidade contemplada.

Portanto, os círculos de cultura foram para 05 alunas da EJA. Intencionamos obter resultados dos círculos de cultura onde a ação de literacia e mundo do trabalho se processasse de forma crítica e participativa a partir do saber, dos interesses e das necessidades das alfabetizandas. Esses encontros não se dedicavam a alfabetizar as alunas, pois o tempo não nos permitiria concretizar tal desafio, mas absorver através de estratégias de alfabetização culminâncias reflexivas durante o processo.

Elas puderam ver o produto educacional. A avaliação foi realizada através de diálogos colaborativos das alunas a partir dos encontros. Mas a validação prévia do produto se deu através de um questionário no Google Forms para educadores da educação de jovens e adultos.

4 ANÁLISE DOS DADOS (RESULTADOS E DISCUSSÕES)

A produção de dados foi possível através dos instrumentos elencados no capítulo anterior, tais como: observação participante, narrativas (gravadas em áudio e vídeo) e produção de atividade. Ao utilizarmos a abordagem qualitativa pudemos nos subsidiar de uma análise subjetiva em que os aspectos valorativos dos indivíduos e do ambiente foram observados, levando em conta os aspectos sociais, culturais e econômicos dos sujeitos participantes da pesquisa para as possíveis conclusões.

Foi através da produção de dados nessa pesquisa que possibilitou a construção do produto educacional e-book. Esse e-book foi pensado por ser um material que possibilita uma linguagem leve e dinâmica, apresentando o conteúdo através de textos e imagens.

A partir desse contexto, pretendemos discorrer sobre o processo dessa pesquisa englobando os percursos, análises e resultados. Considerando que durante o mestrado nos deparamos com uma pandemia causada pelo COVID-19, que fez parar o mundo e por consequência, parou as escolas também.

4.1 UMA PANDEMIA NO PERCURSO

Inicialmente propomos os círculos de cultura para 8 (oito) alunos e 1(um) professor, o projeto estava previsto para iniciar no 1º semestre de 2020, porém iniciou a pandemia devido ao COVID-19, uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros letais. Essa doença parou o mundo, fechando muitos estabelecimentos, indústrias, comércios, clínicas, escolas e outros. Por isso, ocasionou o fechamento de todas as escolas, incluindo o lócus dessa pesquisa.

Durante março a setembro minhas angústias enquanto pesquisadora deram lugar a uma mãe preocupada com o filho, uma filha preocupada com os pais idosos. Foram meses que nos ensinaram muito mais que anos, foi um tempo de reflexão, de compreender quem somos e o porquê somos.

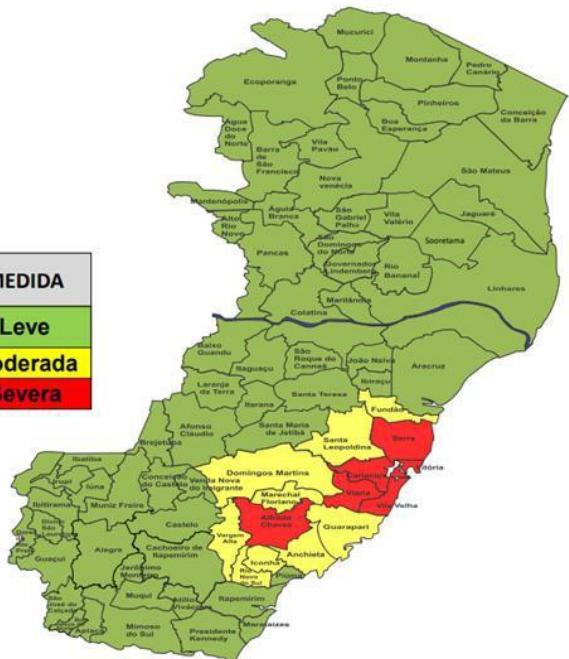
As dificuldades de acesso aos alunos da EJA foram muitas, além do fato de ainda estarem na apropriação da leitura e escrita, a maioria reside em zona rural sem acesso ao sinal de celular e internet, dificultando um trabalho remoto. A única opção seria aguardar.

Foram meses de preparo para realizar a pesquisa em uma escola estadual que permanecia fechada devido ao isolamento social. Acompanhávamos diariamente a situação do nosso estado, do nosso país e do mundo. Conforme as imagens abaixo, a situação se agrava e as escolas permaneciam fechadas. Abaixo alguns mapas de risco da situação da pandemia das cidades e municípios do Espírito Santo, incluindo Irupi, o lócus da pesquisa.

Figura 1- Mapa de risco Espírito Santo em 19 de abril de 2020 - 1 mês após o fechamento das escolas estaduais.

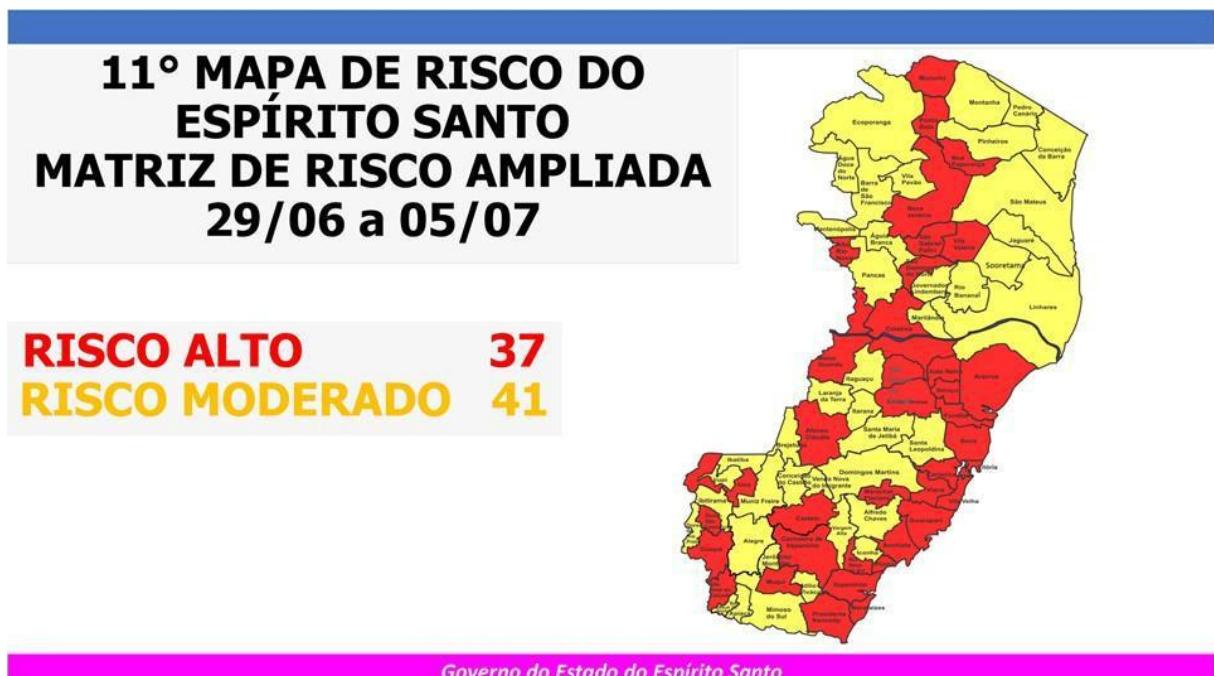
Coeficiente de Incidência acumulado do ES

TRIGGER	MEDIDA
Abaixo da cota de 23 confirmados/100 mil	Leve
Quando atingir a cota de 23 confirmados/100 mil	Moderada
Quando atingir a cota de 35 confirmados/100 mil	Severa



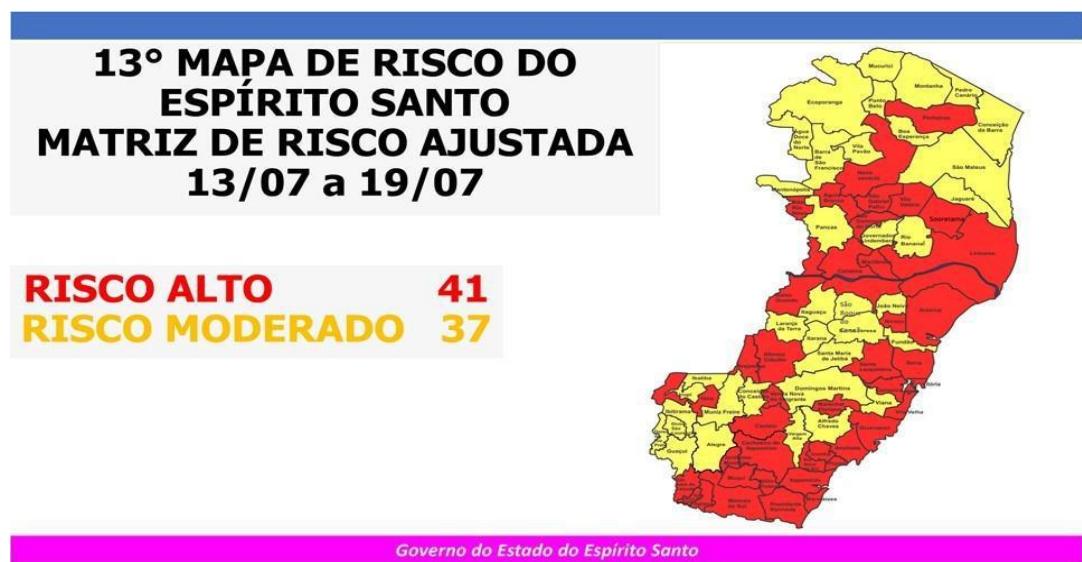
Fonte: <https://coronavirus.es.gov.br/mapa-de-gestao-de-risco>

Figura 2- Mapa de risco Espírito Santo em 29 de junho de 2020 - 3 meses após o fechamento das escolas estaduais.



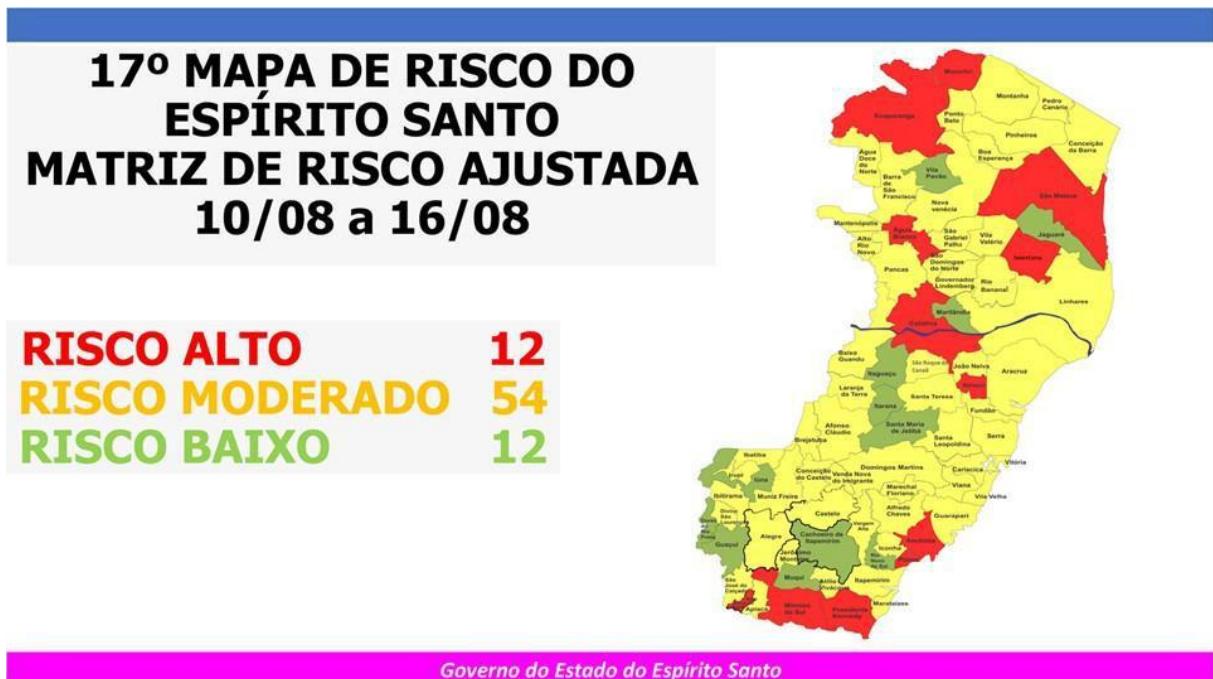
Fonte: <https://coronavirus.es.gov.br/mapa-de-gestao-de-risco>

Figura 3- Mapa de risco Espírito Santo em 13 de julho de 2020 - 4 meses após o fechamento das escolas estaduais.



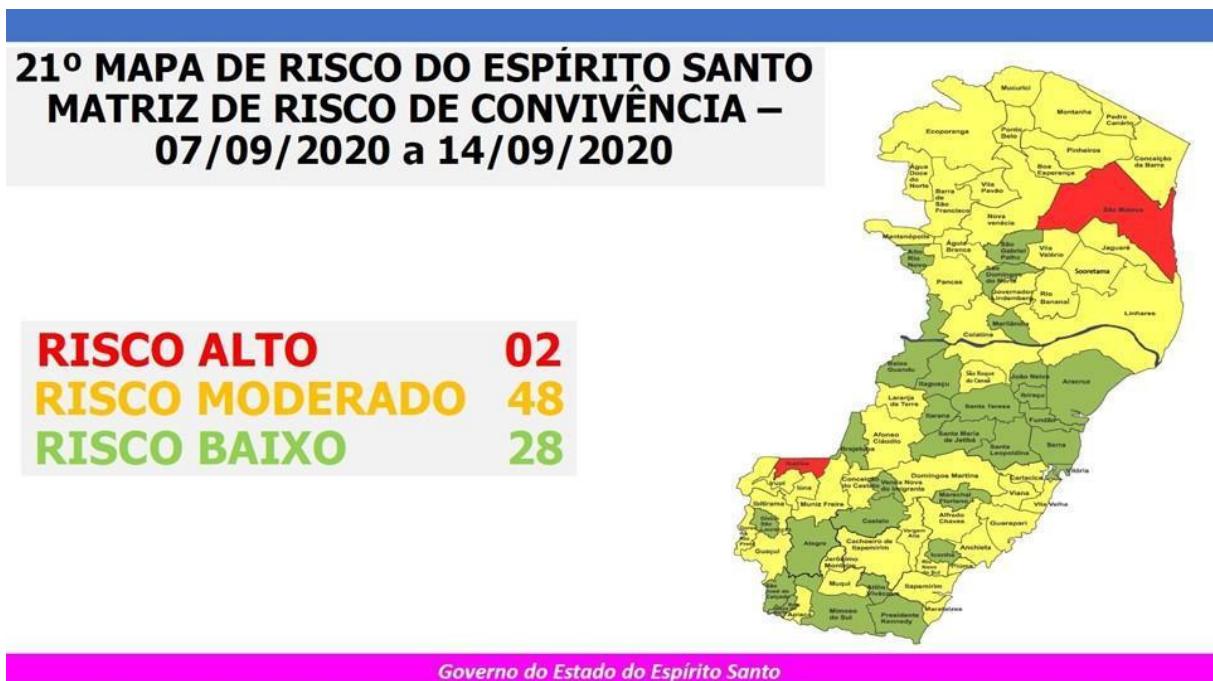
Fonte: <https://coronavirus.es.gov.br/mapa-de-gestao-de-risco>

Figura 4- Mapa de risco Espírito Santo em 10 de agosto de 2020 - 5 meses após o fechamento das escolas estaduais.



Fonte: <https://coronavirus.es.gov.br/mapa-de-gestao-de-risco>

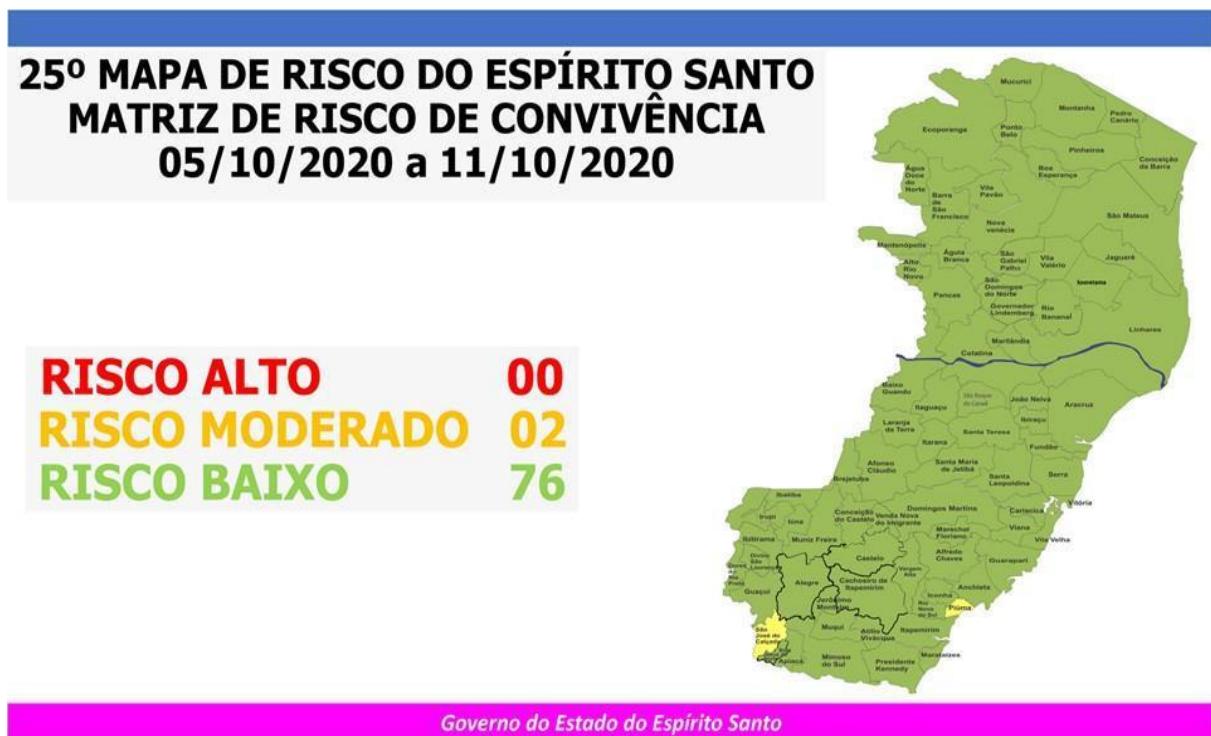
Figura 5- Mapa de risco Espírito Santo em 07 de setembro de 2020 - 6 meses após o fechamento das escolas estaduais.



Fonte: <https://coronavirus.es.gov.br/mapa-de-gestao-de-risco>

Somente no dia 05/10/2020 foi autorizado o retorno dos professores às escolas estaduais e gradativamente os alunos retornariam. Realizado um cronograma de retorno assim definido pela Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo - SEDU: O ensino médio e EJA retornariam a partir do dia 13/10/2020, ensino fundamental II a partir do dia 26/10/2020 e ensino fundamental I a partir do dia 03/11/2020. Esse retorno foi pensado inicialmente para uma divisão quinzenal dos alunos, onde cada semana até 50% estariam na escola, iniciando a metodologia ativa do ensino híbrido. Abaixo as figuras que demonstram a situação do COVID-19 no estado do Espírito Santo após o retorno das aulas presenciais.

Figura 6- Mapa de risco Espírito Santo em 05 de outubro de 2020 - retorno das aulas presenciais.



Fonte: <https://coronavirus.es.gov.br/mapa-de-gestao-de-risco>

Figura 7- Mapa de risco Espírito Santo em 02 de novembro de 2020 - um mês após o retorno das aulas presenciais.



Fonte: <https://coronavirus.es.gov.br/mapa-de-gestao-de-risco>

Mesmo diante da portaria que instituía o retorno das aulas presenciais, o público-alvo deste trabalho não retornou. O governo estadual deu a opção para a continuidade dos estudos remotamente e, portanto, as alunas participantes da pesquisa também não retornaram.

Acompanhar o mapa de risco nos deixavam ansiosos tanto pela situação da pandemia quanto no tempo que corria para finalizar o processo do produto, da dissertação e sua defesa. Mas na busca da realização do mestrado, conseguimos no mês de outubro de 2020 que alguns alunos concordassem em nos encontrar seguindo os protocolos de segurança exigidos. Mesmo com toda a insegurança e receio que o momento nos oportunizava, conseguimos nos reunir.

4.2 RELATOS E DISCUSSÕES

No primeiro momento estava previsto que o produto educacional (PE) fosse um videodocumentário, foi apresentado o TCLE e os alunos aceitaram e o assinaram em duas vias. Porém, conforme explicado no capítulo anterior, durante a pesquisa percebemos que não seria possível concretizar o vídeo e os alunos foram informados que seria então um e-book.

O primeiro encontro aconteceu com 6(seis) alunos e 1(um) professor. Utilizamos os

procedimentos recomendados pelo Ministério da Saúde e protocolos de segurança da Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo- SEDU. O uso de máscaras e o distanciamento seguro era obrigatório.

Figura 08 – Pesquisadora apresentando o TCLE.



Fonte: acervo da autora (2020).

Devido ao COVID-19 tivemos ao todo 5 encontros onde pudemos realizar diálogos sobre o mundo do trabalho, o trabalho, a leitura e a escrita e as narrativas de vida, sendo essa última uma prerrogativa inestimável na EJA.

Participaram do primeiro encontro cinco mulheres com idade entre 39 e 58 anos e um homem de 39 anos, além do professor. Em sua maioria, trabalhadores da área rural e alfabetizados. Nos encontros subsequentes, o aluno do sexo masculino solicitou a não participação, o que foi prontamente atendido.

As cinco participantes continuaram na pesquisa, falar para as mulheres sempre é muito desafiador, pois mesmo diante das dificuldades que a pandemia trouxe em sua região elas se comprometeram a participar e contribuir para a pesquisa, percebemos nelas a resiliência. Portanto, dialogar sobre trabalho com mulheres em um mundo construído com bases nas mazelas machistas sem dúvida foi empoderamento.

No início as participantes se mostraram tímidas e receosas, o fato de não saberem ler e escrever parecia deixá-las inseguras no diálogo com a pesquisadora. Foi imprescindível que a pesquisadora percebesse esses sinais para contornar com

humildade e empatia a situação apresentada de forma que não constrangesse nenhuma das participantes.

Iniciamos primeiramente contando a experiência de vida da pesquisadora, quem é, de onde veio e como também foi difícil construir um processo educativo vindo de uma família de poucas posses e uma mãe que tinha apenas a 5^a série. Nesse momento também foi dado espaço para que as participantes pudessem narrar suas próprias impressões assim como sua história de vida. Conhecer a narrativa de vida de cada aluna era de suma importância para prosseguirmos a pesquisa.

Após nossos diálogos que seguiram descontraídos, percebemos que as participantes estavam mais à vontade. Nesse momento iniciamos o diagnóstico da leitura e da escrita, conforme anexo B e C. Como estávamos em uma turma de alfabetizandas, foi necessário realizarmos o diagnóstico como ledores e transcritores. Nesse momento, o professor nos auxiliou.

O resultado do diagnóstico nos trouxe quatro alunas que não apropriavam da leitura e da escrita e uma aluna que conseguia ler e escrever com alguns desvios ortográficos. Percebemos enquanto realizávamos o diagnóstico que a oralidade fluía bem, o que nos direcionou para círculos de cultura iniciais com vídeos e imagens para que a oralidade pudesse ser o primeiro passo dos trabalhos. A oralidade na literacia é uma das estratégias valiosas no processo, é importante que se trabalhe não apenas o ato de escrever e ler, mas para se expressar seguramente.

Figura 9 - Pesquisadora atuando como transcritora.



Fonte: acervo da autora (2020).

O planejamento dos círculos foi realinhado de acordo com esse primeiro diálogo em

que nos deparamos com dois denominadores que caracterizavam os sujeitos da pesquisa: era analfabetas e trabalhadoras da zona rural. Além disso, realizavam serviços de vendas e pintura de casas em alguns momentos para complementar a renda familiar.

Reforçamos que a caracterização dos sujeitos deve ser realizada quando se deseja uma prática pedagógica significativa, reconhecer esses sujeitos nos dará base para identificar aspectos sociais, econômicos e culturais que subsidiará as ações para resultados intencionais. Nessa pesquisa, a caracterização foi importante para que auxiliasse nos resultados além de direcionar os círculos de cultura.

Durante nossas conversas indagamos sobre o significado a EJA para elas e o que representa essa modalidade para a sociedade e a resposta era prontamente dita: “recomeço”. Significa uma nova chance de estudar e aprender a ler, a escrever o próprio nome. Ser exemplo para os filhos, conseguir ler e interpretar a Bíblia, me sentir melhor em meu trabalho, assim como para ter um diploma.

Fica claro nesses diálogos que a EJA tem um significado muito mais amplo do que um programa ou campanha social. Estar na sala de aula após tantos anos é motivo de orgulho, é recomeçar mesmo diante das impossibilidades que assolam em seu cotidiano de mulher que trabalha, que é mãe, cidadã, é filha, é esposa, é única.

“A EJA pra mim significa muito, porque tudo hoje com a tecnologia a gente tem que ter um desenvolvimento na leitura e na escrita, pois todo lugar que a gente vai hoje em dia é tudo na base da leitura, se você não souber nem um pouco, você fica perdida, tem que ficar pedindo as pessoas para fazer as coisas para você (Coralina 50 anos)”.

Para Coralina, aluna da EJA no primeiro segmento, retornar para a escola tem um propósito muito maior, ela quer aprender a interpretar a Bíblia, ver seu sonho em ser pregadora. Já Maria, de 57 anos vê na EJA uma nova oportunidade, ela afirma que a escola é muito importante.

“Voltei para a escola, eu parei quando tinha 10 anos, pois precisava ajudar minha mãe na roça. Agora eu decidir voltar a estudar, a escola representa tudo para mim (Marta, 57 anos)”.

Com essas narrativas e as observações de campo compreendemos quando Freire

nos direciona a um debate criticador e motivador. É através desse movimento que “o analfabeto apreende criticamente a necessidade de aprender a ler e a escrever” (FREIRE, 2003, p. 145). Quando ele comprehende o motivo de estar ali e vê o significado desse processo, o aluno trabalhador se vê como o agente desta aprendizagem.

Figura 10 – Círculo de cultura.



Fonte: acervo da autora (2020).

Em nosso segundo momento o vídeo “Vida Maria”, um curta idealizado por Márcio Ramos com o apoio da Secretaria de Cultura do Governo do Ceará foi nosso pontapé inicial. O vídeo conta a história de várias gerações de Marias de uma família. Nela perpetuava situações como não frequentar a escola, ajudar nos afazeres da roça e a encontrar um marido, casar e ter filhos. As cenas sempre iniciam com uma Maria tentando aprender a escrever seu próprio nome e sendo expelida pela mãe a trabalhar nos afazeres domésticos.

Ao realizarmos a compreensão coletiva do tema discutindo sobre a representatividade das personagens na sociedade exposta no vídeo, as participantes se identificaram com as personagens e suas narrativas, foi um momento de refletir em como ainda vivenciamos essa realidade, principalmente, na zona rural.

Duas das alunas falaram:

“Mas eu aprendi e minhas filhas não passaram por isso, eu sempre incentivei os estudos e por isso estou aqui, nunca é

tarde para recomeçar, eu só saio daqui quando aprender a ler e a escrever. Eu tenho filha que é professora, sabia, Fernanda? A outra está terminando enfermagem, mas tem dois lá que não quiseram estudar, mas eu estou tentando ainda com eles (Marta, 58 anos)".

"Eu nasci na roça entre nove irmãos, pai e mãe analfabetos, eles nunca se interessaram em dar estudo para nós. O interesse deles pra gente era trabalhar para ajudar dentro de casa, então isso dificultou muito a gente estudar (Coralina, 50 anos)".

O trabalho foi desenhado para elas como o emprego que ajuda nas despesas da família. Nitidamente percebemos que a visão sobre o mundo do trabalho ainda é restrito à personificação do capitalismo. Mas apesar de, ao contrário da Maria personagem, essas mulheres não se permitiram perpetuar essa história. Apesar de trabalhar na área rural e seus pais não incentivando os estudos, elas conseguiram se reinventar e utilizaram o trabalho para transformar sua realidade. Mesmo que nesse momento elas não entendessem a perspectiva do trabalho como transformação da realidade.

Elas encontram no trabalho a força da mudança dando aos seus filhos a oportunidade que não tiveram de ir à escola. A maioria são mães de famílias e mesmo com as inúmeras dificuldades o retorno para a escola foi um divisor de águas e orgulho para os familiares.

"Eu faço de tudo para que minhas filhas possam estudar, eu quero o melhor para elas, tenho fé que Deus vai me ajudar e vou conseguir terminar meus estudos (Fabíola, 36 anos)".

Nesse sentido, em um novo encontro introduzimos a discussão sobre o trabalho na perspectiva do aluno trabalhador alfabetizando. Nesse momento, já tínhamos dados que nos ajudava a responder à pergunta de pesquisa desse trabalho, qual era a visão que essas participantes tinham do mundo do trabalho e a partir disso como Freire nos direciona, fazer com que eles se reconheçam nos mundos da cultura e da natureza, concluindo que são importantes e tem valor.

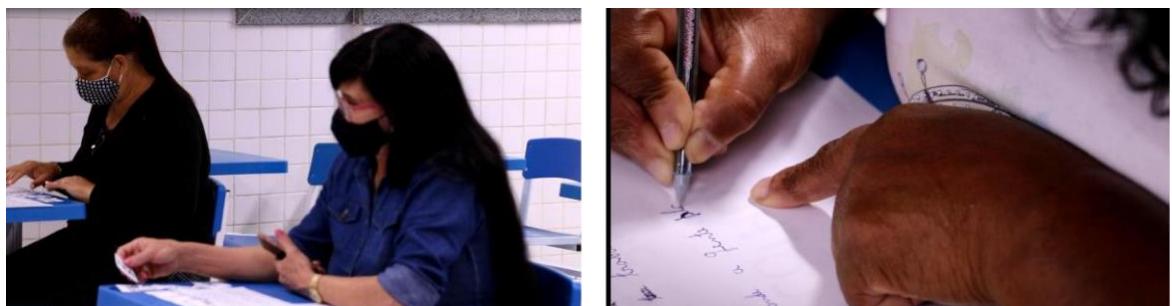
Por isso, discutir sobre o trabalho numa perspectiva integral gerou certo desconforto,

falar sobre trabalho alienado, dono do capital, socialismo para uma turma de alfabetizandas não foi tão fácil. Foram necessários diálogos que se estenderam até o próximo encontro. Não que as participantes não concordassem com as reflexões trazidas à mesa, mas era algo novo para elas e, portanto, a assimilação dependia de mais tempo e reflexão. Foi o que aconteceu. O vídeo do canal Zophya com a professora de Sociologia Gabriela me pareceu dinâmico e bem explicativo para ampliar a discussão. As alunas assistiram bem atentas e abrimos a roda para dialogarmos sobre o que cada uma entendeu e nessa construção dialógica mediar saberes mútuos.

Freire (1986, p. 207) afirma que “mudamos nossa compreensão e nossa consciência à medida que estamos iluminados a respeito dos conflitos reais da história. A educação libertadora pode fazer isso – mudar a compreensão da realidade”. Trazer o sujeito à consciência humanizadora e libertadora, do oprimido ao homem em constante liberação é oportunizar uma aprendizagem integral, onminlateral.

Propomos trabalhar com palavras e temas geradores, de forma mais simples, já que o tempo não nos permitia um aprofundamento desejado, mesmo assim atendia a intencionalidade de refletir a realidade contemplada.

Figura 11 – Trabalhando temas geradores.



Fonte: acervo da autora (2020).

Ao oportunizar os temas geradores no processo de literacia na educação de jovens e adultos, o educador abre leques para que esse tema encontre a realidade e o homem juntos num contexto real e não ideal, é uma relação homem-mundo. Ou seja, “investigar o tema gerador é investigar, repitamos, o pensar dos homens referido à realidade, é investigar seu atuar sobre a realidade, que é sua práxis” (FREIRE, 2018, p. 136).

Nesses círculos discutimos sobre o campo e sua representatividade para a sociedade, a terra e suas consequências ao meio ambiente e trabalho em sua conjuntura da transformação da natureza em prol das necessidades humanas. O homem como agente transformador da natureza.

As participantes puderem refletir, relatar e colocar em prática a escrita mediada pela pesquisadora numa atividade que foi além da escrita e da leitura, partiu de problematizações que geraram novos saberes.

As participantes da pesquisa têm como profissão, lavradoras, por conseguinte, sentimos que era importante refletirmos sobre a profissão e como a mesma configura-se na realidade do emprego e o real mundo do trabalho.

Utilizamos para esse círculo o entendimento das participantes sobre a profissão no mundo do trabalho, o conceito dicionarizado, um poema sobre a profissão lavrador e palavras geradoras a partir dessa perspectiva. Ao iniciarmos nossos diálogos percebemos que o conceito da profissão trazia sentido na experiência, para elas, falar do que faziam era o conceito de ser lavradora. Portanto, nesse entendimento, compreendemos a significação da valorização ontológica desse sujeito.

A região do Caparaó tem a cafeicultura como principal atividade econômica e por isso, o plantio e colheita do café estão presentes na vida das nossas participantes. Fabiana começa a descrever o processo do plantio até a colheita que demora muito. Ao ser indagada sobre sua obra durante esse processo ela apenas responde que somente sabe fazer e que as pessoas tomam o café que ela ajuda a produzir. Maria complementa, “ser lavradora é plantar, cuidar e colher”.

Nessa simplicidade percebemos que elas não entendem que são responsáveis por uma produção que sustenta um sistema econômico, cultural e social de sua região, do seu estado, de um país. É como se o seu fazer estivesse restrito no *lócus* de seu trabalho e não que o que ela produz gera riquezas tanto para seu patrão quanto para o país.

Durante a leitura do poema “O lavrador” de José Donato, as participantes se identificaram, ali expressava muito mais o conceito de lavrador discutido anteriormente. Apenas o conceito dicionarizado é muito restrito para uma

alfabetização integral, a prática do professor precisa ir além de conceitos acadêmicos, a problematização deve permear uma literacia na EJA.

Nesse sentido, como o próprio Freire ressalta:

Implica uma autoformação de que possa resultar uma postura interferente do homem sobre o contexto. Daí que o papel do educador seja fundamentalmente dialogar com o analfabeto sobre situações concretas, oferecendo-lhe simplesmente os instrumentos com que ele se alfabetiza (FREIRE, 2018, p. 145, 146).

Para cada uma, ser lavradora é uma profissão digna, mas penosa. Nesse momento, intencionalmente, discutimos sobre o trabalho precário, a desvalorização do proletariado, pertencentes aos trabalhos manuais, o mundo do trabalho numa perspectiva transformadora que ainda precisa ser cultivada pelos proletariados.

A dialogicidade precisa ser fundamentalmente construída pelo educador e educando. É através dessa postura consciente que a compreensão de tudo na vida passará a ser de direito do alfabetizando, uma literacia que transborde a relação dialógico-dialética, em que o conflito será base de construção do conhecimento.

“Eu venho e mesmo as vezes achando que não estou aprendendo nada, eu continuo, devagar eu vou conseguindo. O professor é uma excelente pessoa, se fosse outra pessoa eu não viria mais (Lauriete, 43 anos)”.

Nessa fala da aluna Lauriete percebemos como o educador é inestimável para que a formação na EJA tenha sua própria identidade. O espaço precisa ser constituídos de educadores, que reconheçam a EJA muito mais do que uma modalidade destinada a alunos que não concluíram estudos na idade certa.

“Eu já tentei a EJA várias vezes, eu quero aprender a ler e a escrever. Agora eu quero continuar” (Fabíola, 39 anos)”.

Outra prerrogativa da EJA é oportunizar a permanência, o alto índice de evasão é outro ponto que precisa ser tomado de políticas públicas para que não apenas tenhamos o acesso do aluno trabalhador na escola, mas que ele permaneça com sucesso e equidade.

Figura 12 – Pesquisadora dialogando com participante durante proposta de atividade.



Fonte: acervo da autora (2020).

Após nossos círculos iniciais, as alunas participaram de uma produção envolvendo o letramento e a leitura do mundo do trabalho, agora na perspectiva posterior ao desvelamento colaborativo durante a pesquisa. Elas foram convidadas a representar a literacia e o mundo do trabalho onde não existiam respostas erradas, apenas as suas conclusões.

Figura 13 – Participantes realizando atividade proposta.



Fonte: acervo da autora(2020).

Utilizamos revistas e jornais para que elas realizassem uma leitura de imagens que conseguissem de certa forma representar a visão que cada uma tinha do mundo do trabalho. A leitura de imagens é muito importante no processo de letramento. Esse recurso metodológico de aprendizagem permite que o estudante crie narrativas ao ler a imagem com suas próprias concepções, é nesse momento que conseguimos absorver o que a escrita ainda não permite, é nesse momento que o educador consegue refletir sobre o que seu aluno entendeu e o que ele carrega de saberes empíricos para responder a demanda da atividade proposta.

Figura 14 - Atividade proposta pronta.



Fonte: acervo da autora (2020).

Reservamos o tempo de nosso último encontro para as narrativas das participantes. Era importante que esse momento cada uma se expressasse sobre tudo o que vivenciamos durante os cinco encontros. O registro dos dados se deu através de gravação de vídeo e áudio.

Iniciamos com perguntas semiestruturadas que permitiram um diálogo aberto, mas direcionado ao que desejávamos absorver. Cada participante gravou separada das demais para que ficassem à vontade e pudesse discorrer sobre o tema tratado. Nesse dia, tivemos a presença de três das cinco participantes. Posteriormente foi necessário utilizar o recurso do telefone para conseguir dialogar, já que devido à pandemia estávamos impossibilitados de nos encontrar fora do *lócus* da pesquisa.

Figura 15- Participantes da Pesquisa - Mulheres fortes da EJA.



Fonte: acervo da autora (2020).

4.2.1. Análise da Entrevista e Questionário

A partir da entrevista e questionário abaixo descritos chegamos à conclusão da importância de um projeto na EJA que insira esses sujeitos no mundo do trabalho com maior apropriação tanto de conhecimento pedagógico quanto do social, cultural, econômico e omnilateral. É notória a influência que o trabalho tem sobre eles sem levar em conta suas singularidades e direitos.

A simplicidade nas respostas carrega o significado de um emprego desvinculado da sua essência. Aqui não se comunga o conceito de trabalho como um ato da transformação da natureza para atender as necessidades humanas em um processo histórico.

Se a existência humana não é garantida pela natureza, não é uma dádiva natural, mas tem de ser produzida pelos próprios homens, sendo pois um produto do trabalho, isso significa que o homem não nasce pronto. Ele forma-se homem. Ele não nasce sabendo produzir-se como homem. Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência (MOURA, 2007, p. 154).

A partir do autor compreendemos que o homem é formado, é preciso aprender a ser homem, a transformar para sua própria existência. O trabalho e a educação, portanto, é produção do homem. O que nos leva a entender que “a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo” (MOURA, 2007, p. 154).

Dessa forma, as respostas seguintes nos fazem refletir sobre que tipo de formação estamos trabalhando, ou melhor, mediando para os sujeitos da EJA que além não apenas tardivamente voltam para a escola, mas que tardivamente não leem e não escrevem.

Nesse processo educativo seguimos refletindo sobre as respostas de alunas que veem no trabalho sua fonte de renda interligada diretamente a sua condição escolar, ou seja, a formação, como pressuposto de renda baixa, média ou alta. Nesse entendimento, urge a mudança nas práticas educativas como fonte de transformação na vida dos sujeitos da EJA.

Nitidamente é expresso o quanto o mundo do trabalho segue uma lógica de exclusão a partir da base escolar. As participantes estão em subempregos que dispensam a leitura e a escrita, confirmando a concepção da escola dual, das energias mentais sendo dispensadas e as energias de execução sendo suficientes.

Por conseguinte, esses instrumentos de produção de dados auxiliam a refletir sobre os sujeitos da EJA, onde estão inseridos socialmente, culturalmente de forma a situá-los em uma caracterização que converse com os estudos presentes na literatura sobre a EJA, precipuamente, aos alunos alfabetizandos.

5 PRODUTO EDUCACIONAL

O produto educacional (PE) fruto dessa dissertação é um e-book e tem como objetivo oportunizar o educador, a escola e ao leitor interessados na temática a refletir sobre a literacia como prática da liberdade numa perspectiva do mundo do trabalho. Foi planejada para trazer de forma sucinta, porém reflexiva a importância da formação humana integral e libertadora na educação de jovens e adultos que ainda estão em processo de apropriação da leitura e da escrita.

Paiva (2010, p. 84) explica a etimologia do termo: “[...] e-book, abreviação inglesa de eletronic book, é um livro em formato digital, que pode ser lido em equipamentos eletrônicos tais como computadores, PDAs ou até mesmo em celulares que suportam esse recurso (PAIVA, 2010, p. 84 apud REIS; ROZADOS, 2016, p. 01).

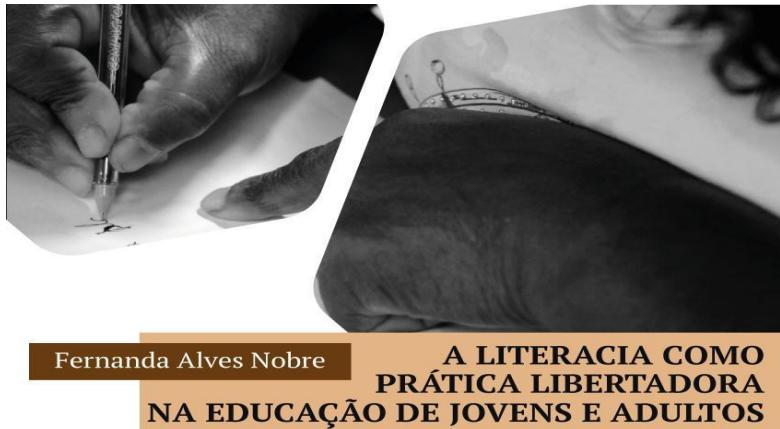
Esse e-book discorre sobre a literacia e o mundo do trabalho como prática libertadora na educação de jovens e adultos embasada nos conceitos de Paulo Freire e de uma formação humana integral com a perspectiva da educação profissional e tecnológica.

O e-book apresenta como um recurso de análises e reflexões sobre a Educação de Jovens e Adultos, da literacia convergindo com o mundo do trabalho numa formação humanizadora e inteira, prerrogativa da educação profissional e tecnológica. Pode ser aplicado em oficinas, minicursos como suporte, oportunizando como uma prática aos educadores. Apresentará depoimentos, os sujeitos da EJA e a influência de Paulo Freire na literacia em uma linguagem simples e com imagens representativas.

A aplicação na EPT visa ampliar a formação de educadores da EJA contribuindo para ampliar a visão sobre o mundo do trabalho na perspectiva do trabalho como princípio educativo. Outra possibilidade é a sua utilização como ponto de partida da dialogicidade em formação, oficinas, minicursos de professores para a educação de jovens e adultos.

Abaixo são descritas as seções do e-book e como cada uma foi elaborada.

Imagen 1 – Capa do Produto Educacional – E-book



Fonte: E-book desenvolvido pela autora (2020).

O título do e-book é “A literacia como prática libertadora na Educação de Jovens e Adultos”. Após a pesquisa ficou compreendido que um processo de educação com significação da educação popular convergindo com a proposta de formação integral da EPT poderá proporcionar a apropriação de leitura e escrita no propósito de desvelamento da educação dual. Pensar na EJA sem esse propósito apenas perpetuará as bases que a sustentam através de programas e campanhas.

O título procura trazer a primeira reflexão ao leitor, afinal, ensinar a ler e a escrever alunos que trabalham requer muito mais do que compreender o sistema alfabético de uma educação mecânica, bancária. Contradicoriatamente a isso, desejamos que a compreensão e a significação sejam bases para uma leitura e escrita que alcance o ato da prática da liberdade.

Imagen 2 – Como o Produto está Organizado

**O PRODUTO EDUCACIONAL
COMO ELE ESTÁ ORGANIZADO**

Neste produto eu lhe convido a refletir como a educação popular de Paulo Freire engendra uma formação humana integral, dialogal, ativa e participante com o povo e para o povo. Você já refletiu a representação das pessoas que compõem a realidade popular? Que tipo de sujeitos compõem a realidade popular? Neste momento que Freire concebeu como a educação popular?

Você acredita que a literacia utilizada como prática da liberdade possa favorecer uma visão ampliada do mundo do trabalho? Para ajudar a responder essa pergunta trouxemos a influência que Paulo Freire experimentou ao trabalhar na EJA, narrativas dos participantes da pesquisa, assim como os conceitos que dão base a esse processo educativo, para que você possa refletir um pouco sobre o caminho do mundo do trabalho para os sujeitos da EJA.

Portanto, são indagações que nos levam a refletir quais contribuições ensenamos para uma prática pedagógica que não apenas ensine o aluno a ler e escrever na EJA, mas o leve a se perceber como sujeito histórico e transformador.

Este e-book está organizado em seções. Início trazendo as contribuições de Paulo Freire na literacia libertadora, enfocando conjunturas que envolvem a realidade popular, os sujeitos que compõem a realidade popular e adultos. Na segunda seção, trouxe alguns conceitos que permitem a escrita deste trabalho, auxiliando no entendimento do tema. Os sujeitos da EJA e o mundo do trabalho na EJA direciona para quem são os alunos alfabetizados da EJA e suas peculiaridades, assim como a compreensão da convergência da literacia e o mundo do trabalho em uma educação popular. Por fim, a terceira seção da literacia popular, ou seja, trouxe as narrativas dos participantes da pesquisa durante a pesquisa de campo realizada com elas na escola durante a pandemia do COVID-19. Essas seções intentam trazer uma visão da literacia, do mundo do trabalho e da formação que transforma na educação de jovens e adultos.

Fonte: E-book desenvolvido pela autora(2020).

Nessa seção propusemos um diálogo com o leitor, levando-o a refletir sobre a educação de jovens e adultos, a educação popular, a influência de Paulo Freire em uma educação libertadora, a literacia além da codificação e decodificação. Essa conversa com o leitor não dá respostas, mas o instiga a pensar sobre o assunto do qual o e-book discorrerá. Também está disposta a organização das seções e a representatividade de cada uma.

Imagen 3 – Diálogo com o leitor



Caro (a) leitor (a),

Sou professora e pedagoga da educação básica e estou no chão escolar há quase 18 anos. Dentro desse universo chamado escola nos deparamos cotidianamente com muitos desafios, conquistas, perdas, reconstruções e principalmente: pessoas! A pedra angular de todo o processo educativo.

Durante esse percurso, tempos e espaços ocorre a travessia da educação básica à EJA como uma oportunidade profissional e, portanto, desafio. Uma turma multisseriada de alfabetizandos adultos e em sua maioria idosos, foi além da minha experiência em alfabetização de crianças. A sala de aula se torna um divã, onde cada um com suas singularidades e experiências de vida consegue trazer sentido para o porquê de estar ali. Sujetos que tem história!

Foi nesse trilhar que pude iniciar minha reconstrução de alfabetizadora de crianças para adultos. Sem dúvida, é um campo de trabalho que requer reflexão diária de sua prática, afinal, quando somos parte da educação de jovens e adultos com certeza, em processo de alfabetização é que percebemos o quanto esse retorno aos bancos escolares é inestimável. Esse momento não se trata apenas de concluir os estudos, cursar uma universidade e se posicionar profissionalmente, se trata de sonhos, de recomeçar, de atender a uma transformação não apenas educativa, mas social. É tempo de recomeço!

Este e-book surgiu com a necessidade de contribuir para a compreensão dos alunos em processo de alfabetização da educação de jovens e adultos-EJA numa perspectiva do sujeito como "não-criança", trabalhador e cidadão. Embasando conceitos que a educação profissional e tecnológica abarcam, ou seja, a formação omnilateral, educação popular e o mundo do trabalho como um contexto significativo.

Quero deixar um pouco da minha experiência e da pesquisa com alunos da EJA e o quanto é importante a reconstrução de cada educador ao conhecer quem são esses sujeitos. Humildemente, quero compartilhar o que Paulo Freire, o maior inspirador da EJA, contribuiu para que eu pudesse entender o universo de alfabetizandos da EJA.

Portanto, desejo que este e-book seja um norte para você, leitor, que assim como eu, entendia a EJA como uma modalidade de educação em que conteúdos precisavam ser ministrados e que era apenas ensinar a codificar e a decodificar códigos. Para você que deseja ampliar a visão desses sujeitos, que pretende um dia trabalhar com a educação de jovens e adultos alfabetizados e por fim, a você aluno da EJA para que se compreenda como sujeito que faz história, que transforma e produz todos os dias.

Fernanda Alves Nobre

06

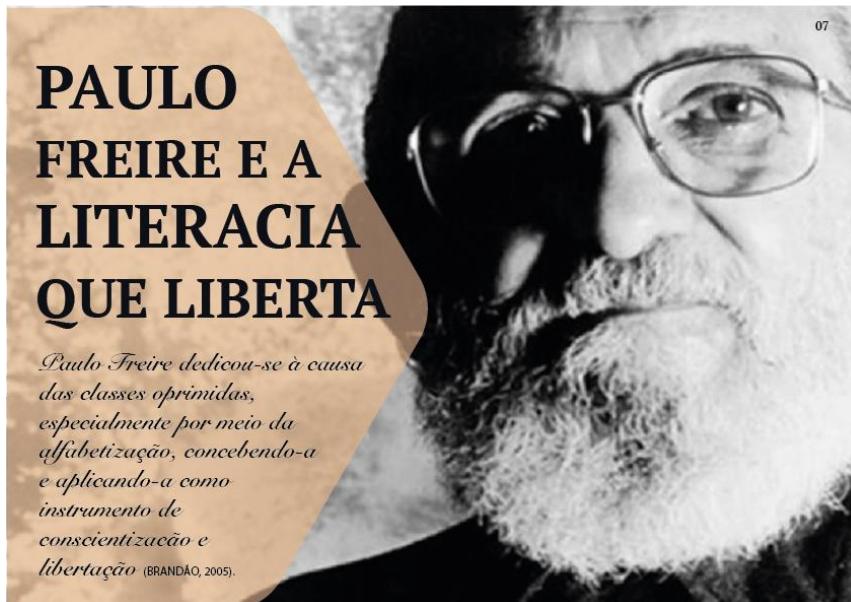
Fonte: E-book desenvolvido pela autora (2020).

Nesta seção Diálogo com o leitor realizamos um breve relato da jornada profissional dos pesquisadores, situando o leitor o seu percurso profissional na educação de jovens e adultos. Geralmente, a escolha por educadores da EJA não está intrinsecamente relacionada ao perfil do professor para as turmas da EJA. Em nossa experiência percebemos que a complementação da carga-horária é um dos motivos de acesso dos educadores a essa modalidade. O que pode favorecer que a prática na EJA seja uma continuidade da educação básica.

Portanto, o desafio que muitos profissionais enfrentam é como ter uma prática para alunos adultos e trabalhadores que levem em consideração o seu não-criança, suas singularidades, suas bagagens de vida. Para Freire, perguntar é a essência do conhecer, entendendo que “não há respostas definitivas. Todas são provisórias. O

importante é o perguntar que leva ao conhecer que também não é definitivo" (MOREIRA, 2017, p. 154). O que requer do educador muito mais do que uma formação acadêmica, precisa ser pautada na busca na educação continuada humanística. É se reconhecer como professor da EJA numa conjuntura ativa de transformação.

Imagen 4 – Paulo Freire como influência na EJA



Fonte: E-book desenvolvido pela autora(2020).

Nessa seção apresentamos Paulo Freire não apenas como um educador que foi referência na alfabetização de adultos, mas sua luta por uma educação que libertasse os oprimidos. Freire é responsável pela reflexão de uma prática libertadora, buscando o sujeito e o educador a se posicionar ativamente no processo educativo.

Nos dias de hoje onde o discurso pedagógico e político é aprender a aprender e o ensino centrado no aluno, a concepção de educação bancária de Freire, no mínimo, leva a uma reflexão sobre o que é a escola e sobre o que deveria ser para ser coerente com esse discurso (MOREIRA, 2017, p. 151).

A apropriação da leitura e da escrita para a educação popular dos adultos tem em Freire, itinerários que conduzem o sujeito à libertação, ou seja, ela está vinculada ao ato de ler e escrever numa práxis. Afinal, não "há revolução com verbalismos, nem tampouco com ativismo, mas com práxis, portanto, com reflexão e ação incidindo

sobre as estruturas a serem transformadas" (FREIRE, 2018, p.168).

Na primeira linha das experiências de educação popular surgidas então, a educação libertadora de Paulo Freire destacava-se de todas as outras, pois ela se voltava a uma vivência do ensinar-e-aprender a partir de uma integração entre a dimensão cultural do trabalho do educador, a sua vocação social e a sua responsabilidade política (BRANDÃO, 2005, p. 45).

Dessa forma, entendemos o quanto Paulo Freire contribuiu e tem contribuído até os dias de hoje para que possamos olhar a educação e fazê-la como um ato de libertação. Envolvendo o educador como prioritário nas mudanças que desejamos para a educação.

Portanto, essa seção priorizou de forma simples e objetiva trazer a luz um recorte do que Paulo Freire mobilizou durante sua caminhada na educação de adultos.

Imagen 5 – Conceitos envolvidos no e-book



Na seção “Os conceitos na EJA” trouxemos de forma simples e objetiva alguns conceitos importantes que sustentaram a pesquisa e seus desdobramentos. Dessa forma o leitor será situado em conceitos como letramento, literacia, pessoa letrada, círculo de cultura, educação libertadora, omnilateralidade, educação popular e alfabetismo.

Partindo do pressuposto que o e-book pretende ser um material educativo norteador, os conceitos não foram perscrutados, apenas uma base para que o leitor compreenda o norteamento do tema tratado, além disso, objetiva que o leitor aprofunde nos estudos sobre a literacia, a EJA, a EPT e a educação popular para

que sua prática com os alunos alfabetizados na EJA ofereça o desvelamento.

Imagen 06 – Os sujeitos da EJA



Fonte: E-book desenvolvido pela autora (2020).

Nessa seção a caracterização dos sujeitos da EJA foi realizada a partir da análise dos sujeitos da pesquisa e dos conceitos que envolvem a caracterização desses a partir de pesquisas bibliográficas.

Retratamos o público-alvo dessa modalidade que está entre os excluídos da escola. São em sua maioria do sexo masculino para estudantes na faixa etária menor que 30 anos. Porém, acima dessa idade prevalece a presença feminina no retorno aos estudos. Além disso, predominam a cor/raça pretos e pardos. Compondo essa caracterização dos sujeitos da EJA temos os trabalhadores da zona rural e filhos de pais analfabetos.

Esse público também apresenta pelo menos três campos que contribuem para a definição de seu lugar social (OLIVEIRA, 2001, p. 16):

- condição de “não-criança”,
- a condição de excluídos da escola e
- a condição de membros de determinados grupos culturais.

Imagen 07 – O mundo do trabalho e a EJA



Fonte: E-book desenvolvido pela autora (2020).

Aqui discorremos sobre o mundo do trabalho em uma perspectiva do trabalho como categoria que se constitui ao conhecimento. Dessa forma, busca realizar a escuta ativa no processo de trabalho na literacia na EJA, precípuamente, o mundo do trabalho e a alfabetização letrada convergindo.

O que vem prevalecendo é a desarticulação do mundo educativo ao mundo do trabalho. O que nos alerta sobre como isso vem ocorrendo continuamente até os dias atuais. A explicação parte do pressuposto da origem de classes, que dualmente retrata a classe trabalhadora e a elite, em uma contínua divisão de classes, “essa desarticulação se explica pelo caráter de classe do sistema educativo, uma vez que a distribuição dos alunos pelos diferentes ramos e modalidades de formação se faz a partir de sua origem de classe” (KUENZER, 2001, p. 15).

Portanto, mediar o mundo do trabalho em uma concepção de formação humana integral poderá contribuir no processo que ensejamos para a EJA. Para Ramos (2014), o conceito de trabalho na escola é premissa para que o conhecimento e a cultura cheguem a todos, não sendo apenas uma dimensão do emprego, da produção, mas sim da própria existência e transformação humana.

A escola como campo social de conhecimento deve abranger também na educação

de jovens e adultos essa concepção de formação inteira. Configurando-se a omnilateralidade como campo indispensável para que o aluno trabalhador da EJA entenda seu papel de agente transformador de sua realidade.

Imagen 8 – EJA: a voz da educação popular



Fonte: E-book desenvolvido pela autora (2020).

A seção “A EJA: a voz da educação popular” objetiva trazer um pouco da realidade que caracteriza os alunos trabalhadores que estão na educação de jovens e adultos. As participantes dessa pesquisa traziam em sua bagagem empírica saberes construídos historicamente pela não valorização da educação, principalmente, para as mulheres.

Para elas a sua interpretação de vida está interligadas as suas vivências, pois a escola não se fez presente em sua infância e em consequência disso, na sua vida adulta. Em suas falas reflete o lugar que a escola tem atualmente em suas vidas, disseminando em seus filhos uma valorização que a sua própria história oportunizou sobre os estudos. Esse retorno vai além da aprendizagem, é uma nova chance de vida, de conquistar sonhos que hoje dependem da leitura e da escrita.

Imagen 9 – Finalizando o E-book



Fonte: E-book desenvolvido pela autora (2020).

Nessa seção dialogamos com o leitor concluindo as reflexões sobre o tema proposto, além disso, trazemos novamente pontos importantes no processo quando lidamos com o adulto trabalhador na EJA. Nesse momento, finalizar remete ao não concluído, mas em constante busca, mudanças, reflexões e ações dentro desse universo singular que é a modalidade da educação de jovens e adultos.

A imagem representativa nos leva a mais uma reflexão, a de que mulheres cada vez mais se posicionam na educação e no mundo do trabalho. Reconhecer essa caracterização é um cenário que precisa ser desenhado pelos educadores e pesquisadores da área da educação de jovens e adultos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há também diálogo se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens. A fé nos homens é um dado a priori do diálogo (FREIRE, 2018, p. 112).

Concordamos com Moura (2014) quando comprehende a necessidade de um olhar perscrutado em relação à qualidade da educação como um direito igual para todos, incluindo os alunos adultos e trabalhadores em processo de alfabetização. Assim, “o pressuposto que adotamos é o que aproxima a educação básica, a educação profissional e a EJA como contribuição à busca da educação da qualidade socialmente referenciada como direito igualitário de todos” (MOURA, 2014, p. 33).

Durante a pesquisa de campo e as análises dos dados foi nos permitido entender que os alunos em processo de literacia ainda têm como prerrogativa o mundo do trabalho como o emprego que sustenta de forma precária as necessidades humanas e que isso é fruto da pouca escolarização. Enxergam na educação um caminho para um emprego melhor.

O entendimento que o jovem/adulto trabalhador chega à escola não apenas com defasagem de conteúdo ou distorção idade/série é premissa de uma literacia que desvela. Esse aluno adulto e trabalhador adentra a escola carregado de saberes empíricos alijados muitas vezes de uma visão própria que somente a autoleitura e a autoescrita poderiam mediar.

Dependentes de quem ler e escreve para eles, acreditam não poder interpretar com sua visão de mundo, sentam-se na carteira escolar buscando encontrar verdades que ele supõe que o professor tenha. O que deve ser combatido conforme Freire nos direciona, ou seja, “a educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B, mediatisados pelo mundo” (FREIRE, 2018, p. 116).

Portanto, é preciso entender que a literacia é construída em várias relações, o professor e o aluno numa práxis que realize a ação e reflexão do ato de ensinar e de aprender. Em uma perspectiva Freiriana a alfabetização na EJA precisa ir além de ensinar o adulto que trabalhou o dia todo a assinar seu próprio nome. É imprescindível que ele comprehenda a importância de assinar documentos no

exercício da sua cidadania.

Precisa compreender ao ler sobre o seu trabalho os seus deveres e principalmente seus direitos. Não posso ensinar a digitar números em uma urna eletrônica sem antes discutir com eles sobre os mecanismos de uma eleição de forma crítica e problematizadora.

Conclua-se que ao pensar na EJA como uma modalidade de luta social não podemos deixar de oportunizar a discussão sobre o mundo do trabalho e o sujeito como trabalhador que transforma o mundo, ampliar a visão de mundo do trabalho numa perspectiva social partirá da proposta de educadores preocupados com o que ensejam para esses alunos trabalhadores.

Por conseguinte, a EJA tem que dialogar com o sujeito concreto, um sujeito adulto. Esse sujeito adulto não é uma criança, em que há certa homogeneidade. [...] É a questão de infantilizar o sujeito adulto, que tem uma baixa escolarização; e não se trata disso. Trata-se de dialogar com esses sujeitos, pois a EJA precisa ter sentido para a vida adulta, não aprende por imitação, mas por entender o sentido de determinado conhecimento para a sua vida concreta (MOURA, 2014, p. 41).

Essa perspectiva deve partir não do aluno que está na escola para o mundo do trabalho, mas sim do trabalhador inserido no mundo do trabalho que retorna aos bancos escolares para a alfabetização.

Como formação humana, o que se busca é garantir ao adolescente, ao jovem e ao adulto trabalhador o direito a uma formação completa para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política (RAMOS, 2014, p. 86).

Temos ideia de quantos alunos crianças e adolescentes estão sob a guarda desses trabalhadores que estudam na EJA? Percebem a importância de um trabalho de formação humana integral de forma que não continuemos a perpetuar as mazelas de uma educação dual determinista? São indagações que nós enquanto sujeitos da educação devemos repensar, refletir e agir. E nesse sentido, a literacia não pode se sujeitar a atividades sem sentido, com exercícios repetitivos sem contexto transformador, apenas com decifrar códigos.

A formação tem como prerrogativa mediar saberes que façam o aluno compreender sua realidade, sua importância dentro de um contexto histórico, o valor de cada um para o mundo do trabalho. Essa mudança só será possível quando a escola compreender a função da luta social aos alunos da educação de jovens e adultos. Eles precisam ser prioridades nas políticas públicas, na formação de educadores tanto na formação inicial quanto na continuada.

Portanto, a importância de contribuirmos para a educação com formação integral, com temas sobre mundo do trabalho, a luta por uma educação profissional e tecnológica omnilateral, um processo de literacia que priorize prática da liberdade e o trabalho devem permear as práticas do processo de ensino e aprendizagem nas salas de aulas da EJA.

Diante do supracitado, concluímos que a literacia só poderá ampliar a concepção do mundo do trabalho se a postura do educador e da escola estiver firmada numa literacia como prática da liberdade. A busca de Freire por uma educação libertadora era dentro da própria estrutura da educação bancária, portanto, a literacia como prática da liberdade não espera ocorrer dentro de uma escola social e omnilateral, mas serve de contraponto mesmo em uma escola predominantemente bancária.

Inacabado em seu sentido pleno, em que estamos sempre mudando, construindo e reconstruindo através do tempo, espaços vividos e de mudanças significativas. É imprescindível compreender que,

Criar alguns espaços para a continuidade de estudos dos jovens e adultos populares, nada ou pouco fazendo por mudar as estruturas que os excluem do trabalho, da vida, da moradia, de sua memória, cultura e identidade coletiva não configura a EJA no campo dos direitos (Arroyo, 2007, p. 29).

Por fim, esse trabalho apresentou uma proposta de um e-book utilizando círculos de cultura para alunos/trabalhadores em processo de literacia intencionando uma abordagem dialógica enquanto sujeito omnilateral em uma educação popular. Foi escolhida uma escola com alunos trabalhadores na educação de Jovens e Adultos.

E assim, esse e-book é uma ferramenta de análises e reflexões sobre a Educação de Jovens e Adultos, sobre a importância da literacia no processo de ensino e aprendizagem de nossos alunos e principalmente que eles se reconheçam como

sujeitos históricos, empoderados e conscientes do mundo que vivem, do contexto em que pertencem a ponto de modificá-lo para si e para seus pares.

Temos consciência do percurso enquanto pesquisadores, mas acreditar que possamos contribuir para uma sociedade mais justa é o que nos move. O material produzido, portanto, apresenta limitações, que posteriormente, poderá ser integralizado com novas abordagens e possíveis práticas norteadoras.

Nesse sentido, espera-se uma interação de aprendizagem mútua onde respostas serão construídas coletivamente aos desafios surgidos e não impostas em um conhecimento hierarquizado e absoluto. Por conseguinte, que consigamos alcançar a literacia libertadora como mecanismo de ruptura da hegemonia imposta pela educação dual.

Isto posto, que essa investigação e esse produto possam agregar muito mais que saberes inerentes ao mundo do trabalho e a literacia, afinal,

O que se pretende investigar, realmente, não são os homens, como se fossem peças anatômicas, mas o seu pensamento-linguagem referido à realidade, os níveis de sua percepção desta realidade, a sua visão do mundo, em que se encontram envolvidos seus temas geradores (FREIRE, 2018, p. 121-122).

Ao alcance da EJA estejam novos paradigmas que realinhem a concepção de uma educação que priorize novas realidades, novas histórias. Que a geração que hoje está nos bancos escolares seja promotora de mudanças nas gerações vindouras. “A superação da contradição é o parto que traz ao mundo este homem novo não mais opressor; não mais oprimido, mas homem libertando-se” (FREIRE, 2018, p. 48).

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Ronaldo Marcos de Lima; FRIGOTTO, Gaudêncio. Práticas pedagógicas e ensino integrado. **Revista Educação em Questão**, v. 52, n. 38, p. 61–80, 2015.
- ARROYO, Miguel González. **Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública**. In SOARES, Leônicio; GIOVANETTI, Maria Amélia (orgs.). Diálogos na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, p. 19-50. 2007.
- AZEVEDO, Márcio A. e TAVARES, A. M. B. N. Educação de jovens e adultos e educação profissional no Brasil: Caminhos e descaminhos no contexto da diversidade. **Revista HOLOS**, Ano 31, Vol. 4. p.107-118, Julho/2015.
- BARATO, Jarbas Novelino. Conhecimento, trabalho e obra: uma proposta metodológica para a Educação Profissional. **B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof**, v. 34, n.3, p. 4–15, 2008.
- BEISIEGEL,Celso de Rui. **Estado e educação popular: um estudo sobre a educação de adultos**. 1^a ed. São Paulo: Pioneira, 1974, 189 p.; 2^a ed. Brasília: Líber Livro, 2004, 207.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Paulo Freire, educar para transformar: fotobiografia/Carlos. Rodrigues Brandão. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. CENSO 2018.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Lei 9394/96: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: 1996. BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Parecer ceb 11/2000. Diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos. Brasília: MEC, 2000.
- BRASIL.[Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.
- BRASIL, Ministério da educação. **Os desafios da educação de jovens e adultos no Brasil**. 2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/confitea_docbase.pdf. Acesso em: 15 jan. 2019.
- COLLARES, Solange Aparecida de Oliveira. **História da E-book Progressiva (1907) nas escolas do Estado do Paraná**. 2008. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa, 2008.
- CORONAVÍRUS. **Mapa de gestão de risco do Espírito Santo 2020**. Disponível em: <https://coronavirus.es.gov.br/mapa-de-gestao-de-risco>. Acesso em 10 nov. 2020.
- FIORI, Ernani Maria. Prefácio. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 66. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor.** – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra.** Tradução: Lólio Lourenço de Oliveira.–Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 31^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 17^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 66. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GADOTTI, Moacir, ROMÃO, José E. **Educação de jovens e adultos: teoria, prática e proposta** /(orgs.)–12 ed.–São Paulo: Cortez, 2011.

GARRIDO, Noêmia de Carvalho. FERREIRA, Armando de Paulo Ferreira. Educação de Jovens e Adultos: uma proposta de alfabetização e iniciação à profissionalização. **Laplage em Revista (Sorocaba)**, vol.2, n.1, jan.- abr. 2016, p. 87-96

GIORDANI, Annecy Tojeiro. **Normas editoriais, orientação aos autores: e-books** /Annecy Tojeiro Giordani, Priscila A. Borges Ferreira Pires. Revisão de Diná Tereza de Brito. Cornélio Procópio: Editora UENP, 2020.

HADDAD, Sérgio. DI PIERRO, Maria Clara. Educação como exercício de diversidade. – Brasília: UNESCO, MEC, **ANPEd**, 2005. 476 p. – 85-128 (Coleção educação para todos; 7).

KISHIMOTO, Tizuko Mochida. Alfabetização e letramento/literacia no contexto da educação infantil: desafios para o ensino, para a pesquisa e para a formação **Revista Múltiplas Leituras**, v. 3, n. 1, p. 18-36, jan. jun. 2010.

KUENZER, Acácia Z. Ensino de 2º Grau: O Trabalho como Princípio Educativo. 4^a São Paulo: Cortez, 2001.

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna.** Campinas, SP: Editora Alinea, 2^a ed. 2010.

MAZOTTI, Ana Judith Alves. GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa qualitativa e quantitativa.** 2-ed. Editora Pioneira, São Paulo. 2004.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as metodologias do processo.** São Paulo: EPU, 1986.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L.G. Metodologia da Pesquisa para o professor pesquisador. 2ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

MOTA NETO, J. C. DA; OLIVEIRA, I. A. DE. Contribuições da educação popular à pedagogia social. **Revista de Educação Popular**, v. 16, n. 3, p. 21-35, 9 jan. 2018.

MOURA, D.H. FILHO. Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectiva de integração. **Revista Holos**. Vol. 2, Ano 23. P. 5-30. 2007.

MOURA, Dante Henrique; LIMA FILHO, Domingos Leite; SILVA, Mônica Ribeiro. Politecnia e formação integrada: confrontos conceituais, projetos políticos e contradições históricas da educação brasileira. **Revista Brasileira de Educação**. V. 20. n. 63. Out.-dez. p. 1057-1080. 2015.

MOURA, D. H. "A integração curricular da educação profissional com a educação básica na modalidade de jovens e adultos (Proeja)." **Cadernos de Pesquisa em Educação**, vol. 19, nº 39. Vitória: PPGE/UFES, pp. 30-49, jan/jun, 2014.

NOSELLA, Paolo. Trabalho e perspectivas de formação dos trabalhadores: para além da formação politécnica. **Revista Brasileira de Educação**, v.12, n.34 jan./abr. 2007.

OLIVEIRA, E. C. de. **A escrita de adultos e adolescentes: processo de aquisição e leitura do mundo**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória. 1988.

OLIVEIRA, Edna Castro de. PINTO, Antônio Henrique. O percurso do PROEJA/ES: conflitos, desafios e proposições. In: OLIVEIRA, Edna Castro de. PINTO, Antônio Henrique, FERREIRA, Maria José de Resende. **Eja e educação profissional: desafios da pesquisa e da formação no proeja**. Brasilia: Liber Livro, 2012.p. 13-43.

OLIVEIRA, Kethure Aline. AMARAL, Marília Abrahão. DOMINGOS, Gabriela Recipputi. A Avaliação do uso de Objetos de Aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Informática na Educação**, Volume 19, Número 3, 2011.

OLIVEIRA, Marta Kohl. Jovens e Adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Educação de Jovens e Adultos: novos leitores, novas leituras**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil. – ALB; São Paulo: Ação Educativa, p. 15-43, 2001.

PEREIRA, Marina Lúcia. **A construção do letramento na Educação de Jovens e Adultos**. -1 ed., 1reimp.- Belo Horizonte: Autêntica/FHC-FUMEC, 2005.

PRODANOV,C. C.; FREITAS, E. C.D. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2^a ed. Novo Hamburgo: Universia de Freevale, 2013. Disponível em: <https://bit.ly/2jYUJvl>. Acesso em: 28 abr. 2018.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos.

Revista Brasileira de Educação, Campinas, v.12, n.32, p. 52-180, jan./abr. 2007.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 4. Ed. Campinas, SP. Autores associados, 2013. (Coleção memórias da educação).

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2.ed. 10^a reimpr. – Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

TRIPP, D. **Pesquisa-ação: uma introdução metodológica**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

RAMOS, Marise Nogueira. **História e política da educação profissional** [recurso eletrônico] / Marise Nogueira Ramos. –Dados eletrônicos (1 arquivo: 585 kilobytes). – Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. - (Coleção formação pedagógica; v. 5).

RAMOS, Marise Nogueira. **A pedagogia das competências: autonomia ou adaptação?**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

RAMOS, Marise Nogueira. **A concepção do ensino médio integrado**. FÓRUM EJA, 2007. Disponível em: http://forumeja.org.br/go/sites/forumeja.org.br.go/files/concepcao_do_ensino_medio_integrado5.pdf. Acesso em: 02 jan. 2021.

REIS, J. M.; ROZADOS, H. B. F. O livro digital: histórico, definições, vantagens e desvantagens. In: **SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS**, 19., Manaus, Amazonas, 2016, Anais. Manaus: Ufam, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/151235>. Acesso em: 12 nov. 2020.

RIBEIRO, Vera Masagão. A promoção do alfabetismo em programas de educação de jovens e adultos. In: RIBEIRO, Vera Masagão (org.). **Educação de Jovens e Adultos: novos leitores, novas leituras**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil. – ALB; São Paulo: Ação Educativa, p. 45-62, 2001.

APÊNDICE A – PRODUTO EDUCACIONAL

Parte textual do produto educacional

O PRODUTO EDUCACIONAL – COMO ELE ESTÁ ORGANIZADO

Neste produto eu lhe convido a refletir como a educação popular de Paulo Freire engendra uma formação humana integral, dialogal, ativa e participante com o povo e para o povo. Você já refletiu a representação da educação de jovens e adultos alfabetizandos e entende quem são esses sujeitos que compõem nesse movimento que Freire concebeu como a educação popular?

É preciso refletir sobre a realidade dos alunos alfabetizandos da EJA e suas peculiaridades, assim como a compreensão da convergência da literacia e o mundo do trabalho em uma educação libertadora. Sempre levando em consideração as muitas contribuições de Freire na educação, assim como os conceitos que a educação profissional e tecnológica podem oportunizar na alfabetização na EJA.

Você acredita que a literacia utilizada como prática da liberdade possa favorecer uma visão ampliada do mundo do trabalho? Para ajudar a responder essa pergunta trouxemos a influência que Paulo Freire experienciou com a literacia na EJA, narrativas dos participantes da pesquisa, assim como os conceitos que dão base a esse processo educativo, para que você possa refletir um pouco sobre o caminho do mundo do trabalho para os sujeitos da EJA.

Portanto, são indagações que nos levam a refletir quais contribuições ensejamos para uma prática pedagógica que não apenas ensine o aluno a ler a escrever na EJA, mas o leve a se perceber como sujeito histórico e transformador.

Este e-book está organizado em seções. Início trazendo as contribuições de Paulo Freire na literacia libertadora, enfocando conjunturas que contribuíram para minha vida profissional com a educação de jovens e adultos. Na segunda seção, trouxe alguns conceitos que permeiam a escrita deste trabalho, auxiliando no entendimento do tema.

Os sujeitos da EJA e o mundo do trabalho na EJA direcionam para quem são os

alunos alfabetizandos da EJA e suas peculiaridades, assim como a compreensão da convergência da literacia e o mundo do trabalho em uma educação libertadora. Por fim, trouxe a voz da educação popular, ou seja, trouxe as narrativas dos participantes da pesquisa durante a pesquisa de campo realizada com eles na escola durante a pandemia do COVID-19. Essas seções intentam trazer uma visão da literacia, do mundo do trabalho e da formação que transforma na educação de jovens e adultos.

Caro (a) leitor (a),

Sou professora e pedagoga da educação básica e estou no chão escolar há quase 18 anos. Dentro desse universo chamado escola nos deparamos cotidianamente com muitos desafios, conquistas, perdas, reconstruções e principalmente: pessoas! A pedra angular de todo o processo educativo.

Durante esse percurso, tempos e espaços ocorreu a travessia da educação básica à EJA como uma oportunidade profissional e, portanto, desafiante. Uma turma multisseriada de alfabetizandos adultos e em sua maioria idosos, foi além da minha experiência em alfabetização de crianças. A sala de aula se torna um divã, onde cada um com suas singularidades e experiências de vida consegue trazer sentido para o porquê de estar ali. Sujeitos que tem história!

Foi nesse trilhar que pude iniciar minha reconstrução de alfabetizadora de crianças para adultos. Sem dúvidas, é um campo de trabalho que requer reflexão diária de sua prática, anal, quando somos parte da educação de jovens e adultos com alunos em processo de alfabetização é que percebemos o quanto esse retorno aos bancos escolares é inestimável. Esse momento não se trata apenas de concluir os estudos, cursar uma universidade e se posicionar profissionalmente, se trata de sonhos, de recomeçar, de atender a uma transformação não apenas educativa, mas social. É tempo de recomeço!

Este e-book surgiu com a necessidade de contribuir para a compreensão dos alunos em processo de alfabetização da educação de jovens e adultos-EJA numa perspectiva do sujeito como “não-criança”, trabalhador e cidadão. Embasando

conceitos que a educação profissional e tecnológica abarcam, ou seja, a formação omnilateral, educação popular e o mundo do trabalho como um contexto significativo.

Quero deixar um pouco da minha experiência e da pesquisa com alunas da EJA e o quanto é importante a reconstrução de cada educador ao conhecer quem são esses sujeitos. Humildemente, quero compartilhar o que Paulo Freire, o maior inspirador da EJA, contribuiu para que eu pudesse entender o universo de alfabetizandos da EJA.

Portanto, desejo que este e-book seja um norte para você, leitor, que assim como eu, entendia a EJA como uma modalidade de educação em que conteúdos precisavam ser ministrados e que era apenas ensinar a codificar e a decodificar códigos. Para você que deseja ampliar a visão desses sujeitos, que pretende um dia trabalhar com a educação de jovens e adultos alfabetizados e por fim, a você aluno da EJA para que se compreenda como sujeito que faz história, que transforma e produz todos os dias.

Fernanda Alves Nobre

PAULO FREIRE E A LITERACIA QUE LIBERTA

Para a compreensão da literacia como prática da liberdade na educação de jovens e adultos inicio este e-book trazendo o tripé: educação de jovens e adultos, literacia e libertação. Esses estão intrinsecamente ligados ao pernambucano Paulo Freire, que tem sua história marcada por uma infância pobre em Recife, referenciado em seu próprio eu de menino que aprendera a ler e a escrever em seu quintal com sua mãe.

Aquele quintal foi a minha imediata objetividade. Foi o meu primeiro não-eu geográfico, pois os meus não-eus pessoais foram meus pais, minha irmã, meus irmãos, minha avó, minhas tias e Dadá, uma bem-amada mãe negra que, menina ainda, se juntara à família nos fins do século passado.

Foi com esses diferentes não-eus que eu me constituí como eu. Eu fazedor de coisas, eu pensante, eu falante (BRANDÃO, 2005, p. 26). Essa reflexão com ação é a base para que as aprendizagens na EJA não se acumulem em aulas discursivas e

exercícios sem propósito. Se já não é permitido alfabetizar crianças sem levar em consideração seus próprios saberes e maturação, inconcebível será alfabetizar adultos sem uma discussão problematizadora, formando um homem quietista, sem um diálogo com o outro.

O entendimento que o jovem/adulto trabalhador chega à escola não apenas com defasagem de conteúdo ou distorção idade/serie é premissa de uma literacia que liberta.

Portanto, é preciso entender que a literacia é construída em várias relações, o professor e o aluno numa práxis que realize a ação e reflexão do ato de ensinar e de aprender. Em uma perspectiva Freiriana a alfabetização na EJA precisa ir além de ensinar o adulto que trabalhou o dia todo a assinar seu próprio nome. É imprescindível que ele comprehenda a importância de assinar documentos no exercício da sua cidadania. Precisa compreender ao ler sobre o seu trabalho os seus deveres e principalmente seus direitos. Não posso apenas ensiná-los a ler uma receita sem antes compreender que vivemos em uma sociedade que encarca a mulher na cozinha. Não posso ensinar a digitar números em uma urna eletrônica sem antes discutir com eles sobre os mecanismos de uma eleição de forma crítica e problematizadora. Nas palavras do autor:

Filho de um pai oficial e uma mãe bordadeira presenciou as dificuldades de uma família de poucas posses (BRANDÃO, 2005). A sua vivência profissional com os trabalhadores também o engajou com as lutas pelas classes dos trabalhadores, dos oprimidos, dos marginalizados, dos ingênuos. É referência na alfabetização de adultos em uma formação que fizesse com que esses ouvissem, indagassem e principalmente, investigassem.

Saviani (2013) traduz Paulo Freire como um inestimável precursor da pedagogia popular, “de uma educação para o povo com o povo”, seus métodos e suas contribuições é um marco na história da educação no Brasil, não apenas por ser um influenciador na alfabetização de adultos, mas também pela sua visão política e pedagógica, sua história de transformações no meio educacional.

A apropriação da leitura e da escrita para a educação popular dos adultos tem em Freire, itinerários que conduzem o sujeito à libertação, ou seja, ela está vinculada ao

ato de ler e escrever numa práxis. Anal, não “há revolução com verbalismos, nem tampouco com ativismo, mas com práxis, portanto, com reflexão e ação incidindo sobre as estruturas a serem transformadas” (FREIRE, 2018, p.168).

Pensávamos numa alfabetização que fosse em si um ato de criação, capaz de desencadear outros criadores. Numa alfabetização em que o homem, porque não fosse seu paciente, seu objeto, desenvolvesse a impaciência, a vivacidade, característica dos estados de procura, de invenção e reivindicação (FREIRE, 2013, p. 137).

Nesse entendimento, para que a educação seja libertadora é imperativo que ela favoreça a transitividade da consciência ingênua para a consciência crítica, “uma educação que lhe pusesse à disposição, meios com os quais fosse capaz de superar a captação mágica ou ingênua de sua realidade, por uma predominantemente crítica” (FREIRE, 2013, p. 139).

Trazer o sujeito à consciência humanizadora e libertadora, do oprimido ao homem em constante libertação é oportunizar uma aprendizagem integral, omnilateral.

Quadro 1 - Concepções de Educação, a partir de Paulo Freire

EDUCAÇÃO QUE APRISIONA	EDUCAÇÃO LIBERTADORA
Ditar ideias	Trocar ideias com os alunos
Aulas discursadas	Debater/ discutir temas com os alunos
Trabalhar sobre o educando	Oportunizar meios para o pensar autêntico
Dar ordem	Trabalhar com o educando

Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Freire (2013).

EDUCAÇÃO QUE APRISIONA EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Oportunizar meios para o pensar autêntico e para compreender a educação popular Freireana é necessário refletir o conceito e como ele está tomado de significação social. Datada do século XIX e XX na Europa, a pedagogia social foi aporte para

resolver situações sociais relacionadas aos imigrantes e posteriormente aos menos favorecidos deixados pelas guerras. No Brasil, a pedagogia social teve sua própria conjuntura na concepção da educação popular de Paulo Freire, assim, “a educação popular na América Latina não apenas engendra outra pedagogia, com fontes teóricas distintas, como também se articula a partir de interesses e lutas sociais, específicos de nosso contexto” (NETO, OLIVEIRA, 2018, p. 26).

Uma pedagogia comprometida com o povo, não somente para, mas com eles tem como prerrogativa uma concepção humanista e inteira, de forma que os proletariados urbanos, rurais, imigrantes, indígenas, mulheres, negros, analfabetos, ou seja, minorias, que pudessem servir-se de uma educação para a liberdade, anal, “com Freire, entendemos a educação popular como um esforço de mobilização, organização e capacitação científica, técnica e política das classes sociais, que visa a transformação e a inserção social” (NETO, OLIVEIRA, 2018, p. 27).

Essa transformação e inserção social também devem ser defendidas pelos atores da escola negando a prática da dominação, oportunizando uma educação que mobilize o sujeito na libertação dos homens, desmistificando a ingenuidade e, a acomodação ao mundo opressor. Direcionando uma educação profissional que conte com os sujeitos populares muito mais que conteúdos contemplados em uma divisão de classes, mas que contrariando a essa educação precária, o aluno da EJA tivesse acesso a percepção que mundo do trabalho não se limita ao emprego, mas uma concepção ampliada da transformação da natureza para as necessidades do homem.

Ao direcionar o olhar para os alunos alfabetizados da EJA, a educação popular Freiriana precisa ser tomada como base da educação libertadora para uma classe social que trabalha e estuda, recomeçando nos bancos escolares como uma luta diária. São eles os sujeitos excluídos que Freire lutou para que a alienação desse lugar a uma libertação autêntica, capaz de transformar a sua própria realidade.

Entendendo, porém, para que a educação popular possa se recolocar no atual contexto social e se constituir como projeto alternativo, faz-se necessário rever seus princípios histórico antropológico, sócio filosófico e pedagógico, a partir de práticas educativas populares concretas que possibilitem avaliar criticamente as correntes

ideológicas impostas ao longo do nosso processo histórico, para que, a partir daí, possamos construir outras matrizes de pensamentos capazes de desvelar o silêncio causado pelas correntes hegemônicas do pensamento e fazer ressurgir uma nova história (PEREIRA e FELDMANN, 2015, p. 12).

Portanto, ao trazermos aqui o que a literacia e a influência de Paulo Freire na educação popular pode contribuir na EJA, almejamos que a transformação aconteça dentro dos ambientes escolares, que educadores dessa modalidade realizem uma leitura aprofundada do que é a alfabetização para jovens e adultos, construindo um processo educativo de literacia que se preocupe com a formação humana integral.

OS CONCEITOS DA EJA

ALFABETISMO

O conceito de alfabetismo integra tanto a dimensão psicológica, relativa aos domínios de certas habilidades cognitivas, quanto a dimensão sociológica, relativas às práticas sociais de uso da escrita e às ideologias de que se investem”(RIBEIRO, 2001, p.46).

CÍRCULO DE CULTURA:

No método Paulo Freire – Revive a vida em profundidade crítica. A Consciência emerge do mundo vivido, objetiva-o, problematiza-o, comprehende-o como projeto humano. FREIRE, Pedagogia do Oprimido.

LITERACIA

O conceito deliteracy é a condição de ser letrado. Uma tradução dessa palavra em inglês que tem sua origem do latim *literra*—letra— acompanhada do sufixo “cy” que é denominado como qualidade, condição estado. E letrado é conceituado um sujeito erudito entendido em letras (SOARES, 2005).

PESSOA LETRADA

Espera-se que uma pessoa letrada não só deva ser capaz de ler e escrever nas situações sociais em que lhe é exigido, mas também que fale de forma fluente, ou seja/esteja capacitada para expressar oralmente o que quer, pensa ou sente, sem titubeios ou hesitações. (TRINDADE, 2002, p. 15).

EDUCAÇÃO LIBERTADORA

Mudamos nossa compreensão e nossa consciência à medida que estamos iluminados a respeito dos conflitos reais da história. A educação libertadora pode fazer isso – mudar a compreensão da realidade. FREIRE, 1986.

LETRAMENTO

O resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler a escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 2005, p.18).

ONMILATERAL

Formação inteira, preocupada com a educação intelectual, física e tecnológica, ou seja, uma formação integral do ser humano.

EDUCAÇÃO POPULAR

Conscientiza e politiza. Não absorve o político no pedagógico, mas também não põe inimizade entre educação e política. Distingue-as, sim, mas na unidade do mesmo movimento em que o homem se historicisa e busca reencontrar--se, isto é, ser livre (FREIRE, 2018, p. 29).

OS SUJEITOS DA EJA

A educação de jovens e adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que traz em sua

gênese histórias de lutas sociais que perpetuam na contemporaneidade. No Brasil, a EJA apenas definiu sua identidade a partir de 1947, direcionada às massas populares. Desde então, os esforços vêm se constituindo numa onda oscilante de conquistas e retrocessos. Ao longo dos anos 60, com a influência de Paulo Freire, um pernambucano que lutava pela “Educação Popular”, conseguiu melhor compreender a importância da alfabetização dos adultos.

O público-alvo dessa modalidade está entre os excluídos da escola, são em sua maioria do sexo masculino para estudantes na faixa etária menor que 30 anos. Porém, acima dessa idade prevalece a presença feminina no retorno aos estudos. Além disso, predominam a cor/raça pretos e pardos. Compondo essa caracterização dos sujeitos da EJA temos os trabalhadores da zona rural e filhos de pais analfabetos.

Com o advento da pandemia provocada pelo covid-19, a minha pesquisa teve como universo 5 mulheres, com idades entre 36 a 58 anos, trabalhadoras rurais, profissão lavradora, chefes de família. Como exemplo dessa realidade, Celina de 50 anos de idade, lavradora, vê no retorno aos estudos uma forma de amenizar o arrependimento em não ter aprendido a ler e a escrever. Cresceu em um lar que precisava trabalhar para ajudar em casa e isso trouxe dificuldades para que ela frequentasse a escola.

Eu nasci na roça entre nove irmãos, pai e mãe analfabetos, eles nunca se interessaram em dar estudo para nós. O interesse deles pra gente era trabalhar para ajudar dentro de casa, então isso dificultou muito a gente estudar (Celina Souza, 50 anos).

Maria Inácio, 58 anos, lavradora como profissão, tem a palavra oportunidade em sua vida como uma base para voltar aos estudos, para ela é uma nova oportunidade.

Eu não tive a oportunidade de estudar, precisava trabalhar na roça para ajudar em casa. A leitura faz muita falta, tem coisas que quero fazer e a gente não consegue. Às vezes eu penso em desistir, mas meus filhos me incentivam, ai eu venho e vou vir enquanto tiver forças (MARIA INÁCIO, 58 anos).

São trabalhadores, geralmente, em postos de subempregos que enxergam na

escola uma oportunidade para melhorar em seu trabalho. Reconhecer esses sujeitos que retornam à escola buscando aprender a ler e a escrever é o princípio norteador para uma formação integral na alfabetização. É imperativo os reconhecer como sujeitos de direitos. Esse público também apresenta pelo menos três campos que contribuem para a definição de seu lugar social (OLIVEIRA, 2001, p. 16):

- condição de “não-criança”,
- a condição de excluídos da escola e
- a condição de membros de determinados grupos culturais.

Perpassando por esses três campos é preciso agora ter um olhar como cada aluno se comporta diante dessas condições, nesse momento é a singularidade de cada um que irá compor a sua caracterização e sem dúvida é o divisor de águas no processo de literacia desse aluno.

Além disso, os alunos alfabetizandos da Educação de Jovens e Adultos -EJA estão em processo de apropriação em leitura e escrita e cada um tem sua própria história e seu próprio percurso. Alguns retornam para a escola tempos depois após o abandono; outros nunca tiveram a oportunidade de frequentar a escola; além dos jovens que evadem do ensino regular com sucessivas reprovações e migram para a EJA em busca da sua formação.

O MUNDO DO TRABALHO E A EJA

Partindo do pressuposto que trabalhar com jovens e adultos a concepção de ser letrado vai além da apropriação com codificação e decodificação de códigos. Conhecer o alfabeto não é suficientemente para uma educação libertadora, conscientes de seu papel como sujeito histórico e transformador na sociedade. Anal, leva-se em consideração que “já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2018, p. 96).

Na perspectiva de uma educação mediatizada pelo mundo temos na Educação Profissional e Tecnológica-EPT a formação onmilateral, ou seja, preocupada com a

formação de um homem em sua totalidade, uma formação humana integral tendo o trabalho como o fundamento da existência humana. Para Ramos (2001) “o trabalho é a mediação ontológica e histórica na produção de conhecimento” (RAMOS, 2014, p.86).

E como integrar os conceitos da EPT com a literacia no primeiro segmento da EJA? Realizar a escuta ativa facilitará o processo de trabalho na literacia na EJA, precípuamente, o mundo do trabalho e a alfabetização letrada convergindo. Mediar o mundo do trabalho em uma concepção de formação humana integral poderá contribuir no processo que ensejamos para a EJA. Para Ramos (2001), o conceito de trabalho na escola é premissa para que o conhecimento e a cultura cheguem a todos, não sendo apenas uma dimensão do emprego, da produção, mas sim da própria existência e transformação humana.

Partimos do conceito de trabalho pelo fato de o compreendermos como uma mediação de primeira ordem no processo de produção da existência e objetivação da vida humana. A dimensão ontológica do trabalho é, assim, o ponto de partida para a produção de conhecimentos e de cultura pelos grupos sociais (RAMOS, 2001, p.88). Na apropriação da leitura e escrita é oportunizar aos alunos e trabalhadores da EJA uma aprendizagem que os percebam como “não-crianças”, homens em suas relações no e com o mundo, vivenciados por eles. Sujeitos importantes no processo do trabalho, reconhecidos em si como fundamentais para a transformação da existência humana, essenciais na relação natureza e homem. Dessa forma, reconhecer a Literacia aliada ao mundo do trabalho.

Nesse sentido, comprehende-se que uma prática pedagógica significativa decorre da necessidade de uma reflexão sobre o mundo do trabalho, da cultura desse trabalho, das correlações de força existentes, dos saberes construídos a partir do trabalho e das relações sociais que se estabelecem na produção (MOURA, 2007, p. 22)

Compreender a educação como ato político e, portanto não neutro, é posição fundamental para mediar na EJA aprendizagens que vão além de saberes mecânicos, mas que, mormente, tenham consciência de que não apenas estamos no mundo, mas com ele e entender que nossas ações, nossas lutas, nossos desafios contribuem para a transformação da nossa realidade.

Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo, em que se constitui (FREIRE, 2018, p. 120).

A escola como campo social de conhecimento deve abarcar também na educação de jovens e adultos essa concepção de formação inteira. Configurando-se a omnilateralidade como campo indispensável para que o aluno trabalhador da EJA entenda seu papel de agente transformador de sua realidade.

EJA: A VOZ DA EDUCAÇÃO POPULAR

A escuta ativa é uma estratégia inestimável na alfabetização de jovens e adultos, é prerrogativa desses sujeitos o diálogo de vida. Portanto, ouvir o que os alunos pensam da EJA poderá contribuir para uma formação integral.

Durante o processo dos círculos de culturas elas expressavam suas experiências de vida conforme nossas temáticas propostas. Abaixo separamos alguns recortes das participantes da pesquisa.

“A EJA pra mim significa muito, porque tudo hoje com a tecnologia a gente tem que ter um desenvolvimento na leitura e na escrita, pois todo lugar que a gente vai hoje em dia é tudo na base da leitura, se você não souber nem um pouco, você fica perdida, tem que ficar pedindo as pessoas para fazer as coisas para você (Celina, 50 anos)”.

“Eu já tentei a EJA várias vezes, eu quero aprender a ler e a escrever. Agora eu quero continuar (Fabiana, 36 anos)”.

“Eu venho e mesmo as vezes achando que não estou aprendendo nada, eu continuo, devagar eu vou conseguindo. O professor Marcos é uma excelente pessoa, se fosse outra pessoa eu não viria mais (Lúcia Helena, 43 anos).

“Com 57 anos voltei para a escola, eu parei quando tinha 10 anos, pois precisava ajudar minha mãe na roça. Agora eu decidir voltar a estudar, a escola representa tudo para mim (Maria, 58 anos)”.

“A leitura faz muita falta, tudo que a gente precisa fazer. Às vezes alguém chega para você e fala: assina esse papel aqui para mim, ai você não sabe o que é (Maria, 58 anos)”.

“Quando a gente era criança, o meu colocava a gente na escola e a minha mãe tirava. Em cada lugar que a gente morava, que a gente morava nas roças, mudava de ano em ano, nunca parava num lugar. Minha mãe dizia para as professoras, meus filhos vão trabalhar (Iraci, 50 anos)”.

“Eu quero abrir a Bíblia e ler tudo ali e fazer a obra. Meu sonho é esse, me desenvolver na leitura e na escrita e ter essa capacidade de ler a Bíblia e interpretar. Esse projeto da EJA é de pouco tempo, mas foi muito bom para nós (Celina, 50 anos)”.

“Eu faço de tudo para que minhas filhas possam estudar, eu quero o melhor para elas, tenho fé que Deus vai me ajudar e vou conseguir terminar meus estudos. (Fabiana, 36 anos)”.

ESSAS VOZES

Entendendo que o propósito deste produto deste e-book é servir de suporte na compreensão de uma literacia libertadora, reconhecendo o aluno trabalhador da EJA como um sujeito de direitos em uma perspectiva do mundo do trabalho, assim como numa perspectiva a partir do trabalhador inserido no mundo do trabalho que retorna aos bancos escolares para alfabetização e não do aluno que está na escola para iniciar no mundo do trabalho.

O e-book se apresenta como uma ferramenta de análises e reflexões sobre a Educação de Jovens e Adultos e da literacia convergindo com o mundo do trabalho numa formação humanizadora e intelectual, prerrogativa da educação profissional e tecnológica.

Poderá futuramente ser utilizado como recurso em uma oficina de letramento com foco na educação profissional e tecnológica, podendo servir de base para a elaboração da formação em literacia direcionado a educação de jovens e adultos.

Ser aplicado em oficinas, mini cursos como suporte, no PROEJA - Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Jovens e Adultos. Poderá utilizar este material em formações para professores, entendendo que “não é possível à liderança tomar os oprimidos como meros fazedores ou executores de suas determinações; como meros ativistas a quem negue a reflexão sobre seu próprio fazer” (FREIRE, 2018, p. 168). Anal, imprescindível é que o professor se posicione diante dos sujeitos da EJA no enfrentamento ao ensino dominante.

Temos consciência do percurso que ainda devemos enfrentar enquanto pesquisadores, o material produzido, portanto, apresenta limitações que posteriormente poderá ser integralizado com novas abordagens e possíveis práticas norteadoras.

Nesse sentido, espera-se uma interação de aprendizagem mútua onde respostas serão construídas coletivamente aos desafios surgidos e não impostas em um conhecimento hierarquizado e absoluto. Por conseguinte, que consigamos alcançar a literacia libertadora como mecanismo de ruptura da hegemonia imposta pela educação dual.

“Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela” (FREIRE, 2018, p. 43).

APÊNDICE B – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ESPÍRITO SANTO - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA.

ROTEIRO DA ENTREVISTA INICIAL

SR.(A)ALUNO(A): _____

COM O OBJETIVO DE CONTRIBUIR COM O PROCESSO DUCATIVO, PESQUISANDO SOBRE O MUNDO DO TRABALHO E A LITERACIA,EM TURMAS DA EJA PRIMEIRO SEGMENTO, SOLICITAMOS A SUA COLABORAÇÃO RESPONDENDO ÀS QUESTÕES ABAIXO. AGRADEÇO A SUA ATENÇÃO E COMPROMETO-ME A ANALISAR AS INFORMAÇÕES AQUI APRESENTADAS DE FORMA ÉTICA E RESPONSÁVEL, BUSCANDO ATRAVÉS DELAS, AUXILIAR O ESTUDO DAS QUESTÕES EDUCACIONAIS VOLTADAS PARA A MODALIDADE DA EJA.

I - DADOS PESSOAIS

NOME COMPLETO: _____

IDADE: _____ SEXO: () MASCULINO () FEMININO

ESCOLARIDADE: _____ PROFISSÃO: _____

TEMPO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: _____

TEMPO DE AFASTAMENTO ESCOLAR: _____

ANO/CICLO/SÉRIE QUE ESTUDA: _____

QUESTÃO 1. RETORNAR PARA A EJA É UM GRANDE DESAFIO E, PORTANTO, GOSTARIA DE SABER O QUE LHE MOTIVOU A RETORNAR PARA ESCOLA?

QUESTÃO 2. VOCÊ TEM COMPUTADOR ONDE MORA? () SIM () NÃO
COM ACESSO A INTERNET: () SIM () NÃO

QUESTÃO 3. VOCÊ TRABALHA? () SIM () NÃO

QUESTÃO 4. EM CASO AFIRMATIVO, NESSE MOMENTO DE PANDEMIA, VOCÊ ESTÁ TRABALHANDO NO LOCAL DE TRABALHO OU APENAS REMOTAMENTE?

QUESTÃO 5. O QUE VOCÊ ENTENDE COMO MUNDO DO TRABALHO?

QUESTÃO 6. A PANDEMIA MUDOU MUITO O CENÁRIO DO MUNDO DO TRABALHO E OUVIMOS MUITO SOBRE SERVIÇOS CHAMADOS ESSENCIAIS. O QUE VOCÊ ENTENDE COMO SERVIÇOS ESSENCIAIS?

QUESTÃO 7. COMO VOCÊ SE SENTE EM SEU AMBIENTE DE TRABALHO ENQUANTO AINDA ESTÁ APROPRIANDO DA LEITURA E DA ESCRITA?

QUESTÃO 8. NO SEU TRABALHO A EDUCAÇÃO É VALORIZADA EM SEU CARGO/FUNÇÃO? () SIM () NÃO () PARCIALMENTE

QUESTÃO 9. COM O RETORNO À ESCOLA, QUAIS SÃO SUAS EXPECTATIVAS PROFISSIONAIS E/OU PESSOAIS?

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO SEMIESTRUTURADO

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ESPÍRITO SANTO - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ESPÍRITO SANTO - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA.

ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO

I - DADOS PESSOAIS

NOME COMPLETO: _____

IDADE: _____ SEXO: () MASCULINO () FEMININO

ESCOLARIDADE: _____ PROFISSÃO: _____

TEMPO DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL: _____

TEMPO DE AFASTAMENTO ESCOLAR: _____

ANO/CICLO/SÉRIE QUE ESTUDA: _____

QUESTÃO 1. NO SEU TRABALHO JÁ PRESENCIOU MOMENTOS E/OU SITUAÇÕES EM QUE O FATO DE AINDA NÃO TER APROPRIADO A LEITURA E ESCRITA TENHA DIFICULTADO O SEU AGIR, DECIDIR E/OU RESOLVER?

QUESTÃO 2. EXISTE FORMAÇÃO EM SEU AMBIENTE DE TRABALHO?

() SIM () NÃO

QUESTÃO 3. JÁ PERDEU OU DESISTIU DE UMA FUNÇÃO E/OU EMPREGO DEVIDO A CONDIÇÃO DE ESTAR NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA ESCRITA E LEITURA? () SIM () NÃO

QUESTÃO 4. VOCÊ SE SENTE PREPARADO PARA O MUNDO DO TRABALHO MESMO AINDA EM PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA ESCRITA E LEITURA?

APÊNDICE D – ROTEIRO PARA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA - ESCRITA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ESPÍRITO SANTO - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA.

NOME: _____

SÉRIE/ANO MATRICULADO(A): _____

ESCREVA AS PALAVRAS QUE A PESQUISADORA IRÁ DITAR.

CONSTRUA FRASES PARA CADA PALAVRA ABAIXO:

TRABALHO

FAMÍLIA

ESCOLA

ESCREVA SUAS EXPECTATIVAS PARA ESSES CÍRCULOS DE CULTURA. PODE SER ATRAVÉS DE UMA FRASE, UMA PALAVRA.

APÊNDICE E - ROTEIRO PARA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA - LEITURA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ESPÍRITO SANTO - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA.

NOME: _____

SÉRIE/ANO MATRICULADO(A): _____

LEIA AS PALAVRAS ABAIXO E DIGA QUAIS DOS PARES DE PALAVRAS COMBINAM.

CADEIRA-MESA
GATO-LAGOA
MEIA-AREIA
PÃO-CAFÉ
LIMÃO-CHÃO
UVA-LUVA

LEIA A NOTÍCIA ABAIXO E RESPONDA DO QUE SE TRATA.

Secretaria diz que não há chance de fazer testes de covid em novos grupos



Por Eliane Proscholdt, Lucas Rezende e Simony Giuberti

21/04/2020 às 16:00



Segundo o subsecretário de Vigilância em Saúde, Luiz Carlos Reblin, o Estado não tem hoje condições de ampliar o grupo de pessoas testadas para Covid-19.

APÊNDICE F – TABULAÇÃO ROTEIRO DE ENTREVISTA INICIAL

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ESPÍRITO SANTO - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA.

PERGUNTAS	RESPOSTAS
Idade:	Entre 38 a 58 anos
Sexo:	Feminino.
Retornar para a EJA é um grande desafio e, portanto, gostaria de saber o que lhe motivou a retornar para escola?	<p>1. Quero ler a Bíblia e os louvores;</p> <p>2. Vontade de aprender, meu genro me incentivou muito.</p> <p>3. Ler a Bíblia e tirar a habilitação.</p> <p>4. Tenho muita vontade de aprender.</p> <p>5. Aprender a ler e a escrever.</p>
Você tem computador onde mora? Com acesso a internet?	<p>2 participantes tem computador.</p> <p>3 participantes não tem computador.</p> <p>2 participantes tem internet.</p> <p>3 participantes não tem internet</p>
Você trabalha? Em caso afirmativo, nesse momento de pandemia, você está trabalhando no local de trabalho ou apenas remotamente?	Sim. Todas trabalham na lavoura.
O que você entende	1. Tudo pra mim é trabalho,

<p>como mundo do trabalho?</p>	<p>tudo que a gente faz é trabalho.</p> <ol style="list-style-type: none"> 2. É o emprego, é para a pessoa evoluir, ninguém vive sem emprego. 3. É importante, gera emprego. 4. Deus e saúde. 5. É muito importante, ensina seus filhos a trabalhar.
<p>A pandemia mudou muito o cenário do mundo do trabalho e ouvimos muito sobre serviços chamados essenciais. O que você entende como serviços Essenciais?</p>	<p>Somente uma participante entendia sobre os serviços essenciais durante a pandemia.</p>
<p>Como você se sente em seu ambiente de trabalho enquanto ainda está apropriando da leitura e da escrita?</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Não tem muito valor, se eu soubesse ler e escrever teria um emprego melhor. 2. Já sei ler e escrever muitas coisas, sei contar também. 3. Me sinto bem. 4. Mesmo não sabendo ler a escrever eu me sinto bem. 5. Faz muita falta a leitura e escrever.

No seu trabalho a educação é valorizada em seu Cargo/função?	2 participantes responderam: Sim. 3 participantes responderam: Parcialmente.
Com o retorno à escola, quais são suas Expectativas profissionais e/ou pessoais?	<ol style="list-style-type: none"> 1. Meu sonho é ler e cantar na igreja. 2. Quero ir para os E.U.A, fazer uma faculdade. 3. Aprender a ler e a escrever. 4. Eu quero muito aprender para melhorar meu trabalho. 5. Fazer uma faculdade.

APÊNDICE G– TABULAÇÃO ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
ESPÍRITO SANTO - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA.**

PERGUNTAS	RESPOSTAS
No seu trabalho já presenciou momentos e/ou situações em que o fato de ainda não ter apropriado a leitura e Escrita tenha dificultado o seu agir, decidir e/ou resolver?	Todas responderam que sim.
Existe formação em seu ambiente de trabalho?	Todas responderam que não.
Já perdeu ou desistiu de uma função e/ou emprego devido a condição de estar no processo de ensino e Aprendizagem da escrita e leitura?	Todas responderam que sim.
Você se sente preparado para o mundo do trabalho mesmo ainda em processo de ensino e aprendizagem da escrita e Leitura?	Das 5 participantes, 1 respondeu parcialmente. 4 participantes responderam que o seu trabalho na lavoura quase não precisa ler e escrever.